

linha: “*Engraçado, que um dia eu cortei o dedo na usina e ficou terrível, menina, quase perdi o dedo, que não sarava nunca. Lá no lixão cortei a mão, o pé tantas vez e nunca ficou tão ruim, cê pode explicar?*” (D. Maria, gravador, em sua casa, 2004)

Das condições objetivas de vida e de trabalho emergem formas de consciência que tendem a ocultar as contradições presentes no cotidiano e que definem a *ideologia* que rege os discursos, ocultando condições insalubres de trabalho e legitimando condições de exploração e dominação. Da mesma maneira, no plano simbólico, a afirmação dos riscos no lixão podem representar a aceitação da insalubridade do trabalho, significando a necessária desarticulação da ideologia levantada coletivamente: o reforço das idéias de força e saúde (no lixão) evidencia os riscos presentes - é possível que os trabalhadores tenham esta consciência, mas para a inserção na realidade social vivenciada, é necessária a articulação ideológica.

2.1 Comer lixo: um episódio e uma reflexão

Uma das primeiras coisas que me aconteceram quando pisei no lixão: ofereceram-me uma sopa de sobras do que *para nós*, é lixo (assim como deveria ser) fervida em uma lata velhíssima, de tinta - o ato (mais tarde me disseram, era um teste, “*a gente sabia que pessoas como você passa mal só de ver...*”) para mim soou como uma frase, que ouvi assim: “*Essa é a distância que foi cruelmente produzida entre nós, mas a gente agüenta, porque é forte, e você?*”. Não passei no teste costumeiro e passo mal de indignação só de ver - nada me assustou e assusta mais nesse universo do que a incorporação desse “hábito”, porque não importa se a renda já dá pra comprar ‘comida nova’ (como me dizem), eles continuam fazendo a sopa, limpando uma maçã podre na camisa azul escrito Acácia e comendo... Eles continuam dizendo a mesma frase.

No seguinte trecho de entrevista realizada com Lena (gravador) em setembro de 2004, falamos a respeito desta questão que se anuncia e procura se explicar como marca impressa pela permanência no trabalho com o lixo a conduzir modos de vida difíceis de desconstruir, porque internalizados por estarem enraizados numa racionalidade a partir daí instituída:

“Mesmo que você não esteja com fome, [comemos] pra não jogar fora”

(...)

É, tem essa parte de alimentação né, que a gente ainda briga muito que é o que eu falei, é uma coisa cultural, porque o que você pega, um negócio que você sabe que não tá legal, mas mesmo assim você vai mandar pra baixo...

- Mas por que, mesmo que você não esteja com fome...

É, mesmo que você não esteja com fome, pra não jogar fora. Às vezes a gente fala “como que as pessoas jogam fora coisas assim?” Porque às vezes dependendo do horário que chega o lixo aqui da manhã, você pega coisas embaladas, carne, verdura, frutas, outro dia mesmo a moça achou vários conjuntos que você percebe que parece que veio de uma loja, entende, que não foi nem usado, com etiqueta, como que uma pessoa joga fora um negócio desses? Tanta coisa!

- Mas a comida é que fica mais difícil de entender, porque se foi pro lixo, mas se bem que tem muitas coisas que vão pro lixo por causa da fiscalização, né, estão boas mas... Ou amassou...

É, ou não amassou, ou você sabe que não amassou, e mesmo assim se jogarem, por exemplo, semana passada, por exemplo, jogaram, teve um mercado aí que jogaram um monte de coisa. Alguns que entraram lá recuperaram algumas coisas, aí trouxe pra cá...

- E joga onde?

Normalmente quando é coisa de mercado, por exemplo, vai a fiscalização do mercado; lá tem uma comida que tá com temperatura irregular e tal, o que eles fazem? Eles apreendem, vêm aqui e aterra, quando dá tempo, por exemplo, o caminhão, o cara que tá na máquina [geralmente um funcionário contratados pelo Daae], o que ele faz? Na hora que a pessoa [do caminhão] tá lá, nossa! Vem rapidinho, enche a pá de terra e se o caminhão não ficar até o fim ele não joga terra.

- E o cara do caminhão sabe?

Todo mundo sabe! Então o que a gente quer fazer agora? A gente quer fazer um pacto com o supermercado pra não deixar né, por exemplo, um arroz que vai

vencer daqui um mês, talvez... A gente vê várias comidas mesmo, coisas que dificilmente tá contaminado que é jogado fora, mesmo quando a data de validade, o que a gente costuma contar como validade não tá vencida.

- Não entendi, fazer uma conversa pra jogar fora?

Não, pra que seja melhor reaproveitado!

- É, mas aí tem os padrões de qualidade...

[Reflexiva] *Tem os padrões...*

- Por exemplo, uma bolacha, se cê amassa uma ponta de um pacotinho, tem que jogar fora.

Tem que jogar fora, e como você vai botar na cabeça... De quem vive de reaproveitar, que vai jogar tudo? E eles muitas vezes levam pra casa.

- Outro dia tava com D. Mara e tinha carne ainda embalada, aí eu perguntei e ela falou assim “eu não dou pra você porque você é capaz de passar mal...”

Bom, isso aí é verdade! Veio um pessoal de Campinas fazer uma pesquisa aí e falou que o pessoal cria anticorpos e tem, às vezes cê vê que tem um negócio que não dá pro cara comer e o cara come. E carne é a coisa mais fácil de estragar, que hoje, por exemplo, cê compra uma carne que cê já viu que já passou, veio não sei de onde, aí com 1 hora, 2 horas que cê tirou da geladeira a bicha já vai mudando, bota pra fritar já é outro cheiro, então eu sempre falo pra eles “cês evitam um pouco, né, também não vamos fazer exagero”, mas tem um pessoalzinho que olha, agora que deu uma melhorada, já teve tempo da gente brigar mesmo.

-Mas aí quando você brigava o que eles falavam?

Eles jogavam fora. Ah, um dia uma mulher veio aqui, ela pegou um pedaço de bucho, tava lavando com a escovinha no tanque! Eu falei “gente!” Bucho ainda é uma carne complicada, “tá com vontade de comer bucho, compra meio quilo, dá pra comprar sim, cês tão na malandragem... Se você chegar aqui com diarreia, toda hora no banheiro, cê vai perder o dia de serviço que eu tô avisando que tá fazendo mal”. Então eles ficam meio esperto por causa disso “Ai, tô com uma dor de barriga!”, “Ah é? Cê também tá parecendo um dragão, tudo que encontra vai enfiando na boca, né?” É isso que acontece, então, né, tem que dar uma segurada.

Mas acostuma. O Carlos ele um dia tava lavando a maçã no meio do chorume, assim, lavando a maçã...

- Lavando aonde, na torneira?

Não! Lavando a maçã na água preta do chorume! [líquido que se desprende do lixo] Limpando, que tava suja [irônica]. Você já imaginou? Aí depois ele pegou a camisa, enxugou e comeu. Outro dia o Toni falou que eles tavam com uma lata lá colocando tudo dentro da lata, o que eles iam achando, eles iam colocando na lata. Macarrão, pé de frango, mortadela, aí depois eles fazem um sopão lá.

Eu tenho aqui a D. Divina. D. Divina ela tira em média daqui, que ela não falta, quatrocentos, quatrocentos e poucos reais no mês. Tem o esposo dela, seu Antônio que aposentou, ele recebe duzentos e sessenta reais agora, né? São... Setecentos reais quase. Pra um casal. Não pagam aluguel. Paga vinte reais de água e luz. Mas não deixa passar nada, vem até com carrinho. O que você faz? É capaz de ficar doente se proibir de levar... Fica se sentindo injustiçada...⁴⁹ O pessoal acha as coisas aí, tem coisa que eu como, tem coisa que eu não como, né? Por exemplo, refrigerante, eu bebia tanto refrigerante... Hoje em dia eu não bebo mais refrigerante... Mas eu era fascinada. Às vezes a gente botava tudo dentro de uma sobra e botava pra gelar, virou um vício. Viciado em resto de refrigerante! E outras coisas, de vez em quando eu comia uma bolacha, agora carne, esse hábito eu não tinha... Vai se tornando natural, cê vê que não faz mal...

⁴⁹ Nas fotografias 12 e 13, a seguir, podemos ver a carroça de seu filho Antônio a caminho e no aterro.

Comer sobras apodrecidas não é opção, algo a ser compreendido *naturalmente* como ‘cultural’. Se justificam: “*É o nosso costume de não deixar passar nada*”, captamos a incorporação agressiva, ressentida, humilhada, revoltada, resignada - uma mistura tão grande de sentimentos -, da subumanidade atribuída: “*No lixo é bom, porque nós nunca passou fome*” . (D. Lurdes) Não se trata de “abutres atrás de carniça” (como os descreveu um repórter no Jornal local *O Imparcial* em setembro de 1994) e catar lixo, repetimos, (na Acácia, no lixão, abrindo saquinho por saquinho de lixo bruto...) nunca pode ser “digno”, ou então devemos nos perguntar acerca das concepções de dignidade propagadas hoje por alguns agentes do poder público, aos quatro cantos.

As inaptações, argumentos e resistências descritas se fundamentam, em grande parte, no sentimento de *desarticulação* gerado por uma recorrente experiência de *ruptura*, impulsionando revolta em relação ao desrespeito às vidas estabelecidas, estruturadas em todo o seu significado há dez, vinte anos e inconformismo de quem é retirado (a) do seu *lugar*, do seu espaço de trabalho, sobrevivência e elaboração da vida, uma tristeza profunda por perda de identificação que organiza a sociabilidade “(...) *a população pobre também não se deixa deslocar sem resistência, sem ressentimentos, e mesmo quando cede, deixa pra trás muitos traços de si mesma*”. (Halbwachs, 1990, p. 136) Uma sociabilidade que cimenta um modo de ser e de se relacionar que enraíza e, por isso é difícil de mudar; espaço da vida constituída onde interferir significa contar com longos prazos e renovadas abordagens.

No próximo trecho de entrevista, quando D. Lurdes, 9 filhos e outros ‘tantos netos’, quase todos vivendo muito próximos a ela e freqüentemente lhe solicitando ajuda, pergunta em tom grave *como vai fazer* diante da situação de perda de acesso ao lixão são expressas, para quem já *labutou muito*, contrariedade e grande preocupação com a sobrevivência e com o futuro. Naquele final de tarde, me lembro de seu desânimo: fui recebida no portão de sua casa, entramos e ela se deitou no sofá, não acendeu a luz - havia em sua casa eletricidade improvisada clandestinamente de um poste da rua. Falava muito baixo, no contrário do que costumava ser, muito direta e altiva.

Além da tristeza diante da incerteza da situação de total falta de perspectiva, esta fala traz a referência às *pessoas que sempre ajudavam*, à prática da assistência característica

da relação estabelecida através dos anos entre os (as) catadores (as) e o poder público, as associações benemerentes, a população caridosa. Prática relemburada, numa introyeção de um estatuto de exclusão, como saudades e constituída assim como mais um argumento a favor da permanência no lixão naqueles tempos difíceis do despejo, a delinear os processos de elaboração de identidades sob o exercício institucional da negação, advindo de uma compreensão fragmentada e utilitária da pobreza inscrita nos sentimentos imobilizadores da pena:

“Já trabalhei muito, labutei”

(...)

Tá difícil... Não tem nada, o gás acabou hoje, nem durmo, fico pensando. Lá [no lixão] a gente ganhava um dinheiro, lá não passava fome, comida tinha de sobra, a gente comia...

- Mas vocês comiam lixo?

Não, lixo não!⁵⁰ Era comida que as pessoas da cidade mandava (...).

- Quem mais mandava?

As pessoa da cidade. Tinha vez que até vinha bolo, no final da tarde, um doce... Lá eles ajudava, aqui eu tenho isso aqui [referindo-se à casa⁵¹], você vê? Essa casa, mas não tem ajuda, acho que pensam, não sei. Sabe qual era meu sonho? Terminar essa casa aqui, já pus reboque, mas tá parado, não tem dinheiro, como eu faço? Lá o dinheiro era pra uma coisinha, comida tinha. (...)

Mas tá difícil, às vez fica um pouco de arroz, assim, eu guardo mais pra noite, que de dia eu chupo uma cana, uma fruta aí e passa, mas à noite é duro! Cê vê, o pessoal que trabalha, tá tudo aí parado, sem emprego... Tô devendo 5 real de conta de água, só aqui tem água, nos meus filho, nenhuma casa tem, cortaram.

- E como a senhora vai fazer?

Tô esperando a laranja entrar, esse meu genro também vai [aponta para a casa ao lado], também que eu nessa idade é difícil arrumar firma, não pega mais...

⁵⁰ Apesar de ter a mesma prática de recorrer a alimentos no lixo para a alimentação, D. Lurdes quer enfatizar, nesta fala, que está se referindo à ajuda oferecida pelas pessoas.

⁵¹ Uma das casas referidas, no bairro Parque Residencial São Paulo.

Já trabalhei muito, labutei, muito na roça, em casa de família, em hotel de copeira, arrumadeira, mas tudo sem registro (...) (D. Lurdes, caderno de campo, em sua casa, 1996)

Ao que D. Lurdes chamou num momento anterior de *destino*, se referindo aos reveses da vida tramados como sina, estão associados sucessivos processos de produção de exclusões e reintegrações, mas também é imprescindível demarcar que, por outro lado, as trajetórias se desdobram positivas nos pontos abastecidos em espaços criados de expectativas, reflexões e planos que, artifícios no drible das dificuldades, impulsionam a disputa cotidiana. Em torno da certeza de que *“No lixo é que nunca acaba, né? O lixo não vai acabar, aquilo não acaba nunca!”* (D. Lurdes, gravador, em sua casa, 1998) desenvolve-se uma gama de argumentos que justificam e dão sentido às vidas em situação imensa de precariedade. Forma-se assim um complexo contexto, pois se por um lado as positivities, que nos permitem a compreensão de um sentido de vida no lixão, revelam os sujeitos obscurecidos pela imagem do desvalido e aí residem a visibilidade e o reconhecimento que restituem a dignidade e a civilidade, por outro acabam por constituir os entraves às propostas de transformação e mudança de sua condição - *“No lixão é melhor”*:

“Não tem resposta”

(...)

Que hoje, se você pergunta pra eles “o que é melhor?”, ele respondem: “melhor como era antes”. É, melhor quando tava lá no lixão. Sempre e, determinado tempo eu acho que é legal, né, eu vivi isso – você não tem quem te manda, você não assume compromisso, você vai trabalhar a hora que você quer, você trabalha mais se você quer ganhar mais, se você não quiser, problema seu. Se você quiser ir só pra ficar o dia inteiro olhando só os outros trabalhar, né, tem essa coisa de lá ninguém te exige nada.

- Você acha que isso é mais forte do que ter um lugar na sociedade, assim, como o que a Acácia representa?

Mais forte, tanto que lá no terceiro festival [Encontro Latino-Americano de Catadores (as) em Belo Horizonte] eu fiz essa pergunta.

- E aí?

Não tem resposta. Eu falei "por que ainda se resiste, qual é, os esforços pras pessoas saírem do lixão?" Eles não querem, você quer liberdade. Ninguém sabe responder.

- Você acha que é a liberdade...

É a liberdade.

- E como faz, Lena?

Consciência, como o pessoal do Movimento [MNCR] costuma dizer. Se reunindo, vendo exemplos e percebendo que se organizar é melhor.

-É melhor?

É! Lixão daqui a pouco não vai mais existir, e aí? O que esse povo vai fazer? É muita gente, muita! Só lá no Festival tinha quase mil pessoas! É difícil, você acompanha aqui e vê a nossa dificuldade, até eu pra mudar um hábito, muita água já rolou, né? Lembra no começo? Agora já vai mudando, quem ficar firme aqui, vai ter que ir mudando porque as regras de Associação são outras e é isso de não aceitar regra que às vezes a gente gosta, né? (Trecho de entrevista com Lena, gravador, na usina, setembro, 2004)

Unidos à apresentação das trajetórias a seguir, estes elementos e reflexões nos explicitam acerca dos chamados sentidos de pertencimento no lixão alicerçados em fazeres inscritos nos modos de vida que vão se delineando no decorrer do tempo naquele espaço e, como vimos, se repetem no espaço da Associação; os argumentos trabalhados pelos (as) catadores (as) foram tecidos no compartilhar de uma mesma experiência elaborando, por sua vez, uma *memória coletiva* :

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (Bosi, 1994, p.411)

A constituição dessa memória explica e justifica, nos esclarecendo, sua presença naquele local e lhes fornece a substância de sua identidade de catador (a) de lixo que, ao se desvelar - de maneiras particulares entre os indivíduos que realizam seus próprios recortes determinando, assim, os pontos de partida -, se dispõe como o testemunho de um tempo.

○

Capítulo dois

Capítulo dois

Trajetórias: as mães do todos

1. Visibilidades reveladas em campo

Quem fica invisível para os outros em certa medida busca manter-se ainda mais invisível: tentativa desesperada, expediente último para evitar o sofrimento prolongado de humilhação. Um corpo surrado necessita de proteção e repouso. A alma rebaixada quer paz, em algum canto escondido, um esconderijo, algum lugar ermo, qualquer lugar distante, desde que longe dos olhares que perturbam.

Fernando Costa

Desde a primeira vez em que estive no lixão, experiência que me impulsionou a *conhecer para reconhecer* aqueles (as) trabalhadores (as) que não bichos ou desvalidos, aos dias de hoje, as trilhas desta pesquisa vêm sendo construídas num compartilhar, em aprendizado mútuo. À medida que avançamos, pesquisadora e ‘pesquisados’, rumo à elaboração de uma relação pautada o máximo possível na horizontalidade fundamentada no respeito e na *atenção*, ampliamos e transformamos nossos olhares e alcançamos lugares a partir dos quais pudemos nos aproximar e nos identificar. A busca do exercício desta prática de uma relação, nessa medida, ‘de igual para igual’ exigiu de minha parte, uma postura metodológica fundamentada numa “escuta ativa e metódica” (neste caso não somente das palavras) que fundamentalmente me “ensinou a olhar e entender”, aos moldes do que Bourdieu apresentou como postura científica que:

(...) associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, o que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos (...). (Bourdieu, 1997, p.695)

O estabelecimento dos primeiros contatos em campo - das trocas de olhares mais diretas e significativas às primeiras palavras, atitudes negadas inúmeras vezes - resultou de um trabalho gradual e demorado que revelou, como primeiro dado de pesquisa, o quanto as pessoas das quais procurava me aproximar se fechavam a este movimento. Quando abordados (as) - considerando abordagem um olhar, um gesto ou meia palavra de

cumprimento, atos geralmente realizados à distância - escapavam à observação que pudesse apreender detalhes de seus corpos, das suas maneiras de ser; baixavam os rostos e, se respondiam, o faziam com um movimento do corpo ou palavras abafadas pelas mãos sobre as bocas. Naquele universo só me foi possível inicialmente ser uma pessoa que observava, deslocada, outras trabalhando: não reconhecia o espaço que se impunha, complexa porque não inteligível, como uma realidade estrangeira na qual era um outro distanciado sob atenta observação, lançada a um espaço que deveria respeitar.

Neste jogo muitas vezes me senti invisível e através desse sentimento aprendi a agressão do não pertencimento que é o de se saber ali, mas não ser reconhecida. Desta perspectiva, pude compreender que sua indiferença e negação em relação à minha presença significavam a outra ponta do mesmo sentimento que experimentavam de forma sistemática por práticas de invisibilização produzida socialmente pela lógica da exclusão: não existiam do lado de fora daquelas margens e eu, através do mesmo mecanismo, não existia ali dentro. Não existir gera sofrimento, minimiza a pessoa, faz com que ela incorpore aquela condição até de fato, desaparecer:

Invisibilidade pública é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres (...) a humilhação social é sofrimento ancestral e repetido. (Costa, 2004, p.22)

Observei, na época, que os (as) catadores (as), habituados à circulação em locais periféricos, como pequenas ruas de terra em meio ao canal que unem os bairros Jardim Pinheiro e Parque São Paulo, onde a maioria reside, ao lixão situado às franjas de uma estrada cujo acesso de carro se dá por uma via secundária, desaparecem geográfica e simbolicamente aos olhos 'da cidade' referida como um lugar fora e distante, em todos os sentidos, do seu universo, no movimento de interiorização das lógicas que produzem as fronteiras sociais entre os mundos da inclusão e da exclusão - cidade/lixão: "*Lá na cidade costume ir não filha, só quando tem precisão mesmo, aí é que eu vou, mas num preciso quase nada de lá não*".(D. Divina, no lixão, caderno de campo, maio, 1994); "*Na cidade fazer? A gente aqui num anda muito naquelas banda da cidade, que nossa vida é aqui mesmo*". (Marcão, no lixão, caderno de campo, agosto, 1997)

A ultrapassagem destas distâncias que se produziam mutuamente - o lixão representava para mim, da mesma forma, um território à parte - ocorreu com a constância de minha presença até, por um lado, me habituar com as imagens, os cheiros, os ritmos característicos do local e, por outro, ser reconhecida como *a menina que vem sempre visitar a gente* (Ondina, filha de D. Lurdes, caderno de campo, 1996). Levou tempo para me despir das identificações recorrentes através das quais procuraram me classificar, informados pelos fatos de eu ser mulher, branca, jovem, magra, da cidade e estar ali sozinha. Ao deixar de ser confundida com uma jornalista a apontar lentes intrusas, assistente social, benfeitora a distribuir cestas-básicas ou ‘alguém da prefeitura’, recuperei minha identidade que, naquele momento, era a de quem aprendia a estar ali e se interessava em compreender suas práticas de trabalho e organização.

Superados os mecanismos das distâncias e estabelecida a confiança, tecida no decorrer de uma série de pequenas conversas, abriram-me generosamente as portas de suas casas e memórias: entrei e por elas ‘circulo com cuidado para não derrubar ou quebrar nada’, mas sei que interfiro, às vezes ‘desarrumo sem querer alguma coisa’, utilizando-me do ponto máximo em que posso exercer minha liberdade porque por fim, nos relacionamos e em relações há contrapartidas. Aos primeiros contatos foram-me solicitadas cestas básicas, remédios, dinheiro, numa ordem supostamente estabelecida pelas relações pautadas nas recorrentes práticas de assistência, mas na idéia de ajuda residia a da contrapartida, matéria-prima a tecer relações, um *sentido de reciprocidade* (Sarti, 1996) que alcança o campo das trocas simbólicas, onde residem os afetos, a amizade. Desenhou-se, então a minha contrapartida em disponibilidade de escuta. A principal interlocutora deste primeiro momento de pesquisa foi D. Lurdes, em cuja casa⁵² estive em muitos domingos de quase dois anos inteiros (entre 1996 e 1998) - e à qual ainda retorno freqüentemente:

Às vezes me perguntam “Quem é aquela menina ali que vem aqui?” Eu falo “Aquele lá é uma filha de Deus, que começou vir aqui, que não sei por que ficou gostando de mim e eu fiquei gostando dela também, a gente conversa, e quando ela não vem eu sinto falta..” (Caderno de campo, junho, 1998)

⁵² Refiro-me a uma das casas construídas para abrigar as famílias da creche, para a qual D. Lurdes havia acabado de se mudar. (Adametes, 1999)

À medida da elaboração de nossa proximidade estabeleceram-se os lugares, D. Lurdes abriu o espaço de sua casa me deixando participar: guardar louça e fazer café eram e são, sempre que estou lá, minhas tarefas. Nessa participação instituída como simbólica, no ritmo da casa e dos afazeres, estabeleceram-se as conversas que, em inversão, *me* levavam a lhe informar sobre os aspectos mais íntimos relacionados, em seu entender, à minha ‘condição de mulher’, como a família e a afetividade. Nesse lugar, à medida que era simbolicamente classificada não a partir de meu conhecimento como estudante, mas como ‘menina’ solteira, sem filhos e, portanto, inexperiente, estava convidada a entrar em seu rico universo de mulher mais velha, mãe e avó de tantos filhos e netos, trabalhadora de uma vida dura, chefe de família. Nesta via de mão dupla, em pleno exercício de reciprocidade estabelecida a cada encontro, D. Lurdes se lançou em afirmação um de lugar social que lhe foi (e é) constantemente negado ao me aconselhar e ensinar sobre a vida⁵³: “(...) *conversar de igual pra igual é entregar-se, é desarmar-se (...) é a hora em que a gente conhece não como quem conhece – é a hora de a gente conhecer como quem ama*”. (Costa, 2004, p.61).

Ficamos visíveis reciprocamente quando aceitei o fato de que enquanto aprendia a olhar, também era desvendada: o mundo como algo compartilhado. O desvendamento é o reconhecimento dos fazeres obscurecidos nas vivências marcadas por instabilidades nos mercados formal e informal de trabalho, pelas discriminações de gênero e etnia, pelo trânsito frágil nas instâncias de aceitação social e política, do mercado de trabalho, familiar, cultural - num processo que Castel (1991) classifica como *desfiliação* no sentido de perda do sentimento de pertencimento constituído por laços de identificação do vínculo social. Suas trajetórias assim caracterizadas os (as) levaram, vetado o consumo, ao fim da cadeia produtiva, à catação do que resta de todo o processo, cujo valor é ignorado por não ser aceito como parte integrante do mesmo.

Com os homens casados, meu contato se restringiu a poucas palavras e com os adolescentes estabeleci uma relação mais próxima: sentávamos para conversar nos horários de almoço ou nos finais das tardes de trabalho, em geral no lixão. Fui professora de

⁵³ As entrevistas realizadas com D. Lurdes estão, na íntegra, em Adametes (1999). Neste texto realizamos sua apresentação, destacando alguns trechos deste material que reconstituem sua trajetória.

alfabetização dos jovens e adultos⁵⁴ durante alguns meses: o momento das aulas era espaço de construção dos laços enquanto nossas figuras mutuamente se familiarizavam - numa negociação silenciosa elaboramos, nas conversas de toda natureza e através dos tempos, nossos espaços e limites. Por isso não saí impune do lixão: das crianças brincando nas ruas dos referidos bairros, às pessoas trabalhando nas esteiras de separação ou na catação de lixo, às latas onde descarto o que considero, depois de uma séria reavaliação, inutilizável. Assim, não escapei às tramas das subjetividades do processo de pesquisa.

O lixo não desaparece quando o descartamos, assim como a pobreza, ao evitarmos olhar para ela - mecanismo de negação que lança pessoas à situação de apartação que afasta dos horizontes os (as) catadores (as). Os distanciamentos são produzidos ideologicamente: confundidos (as) com animais, marginais, desajustados (as), sua presença no espaço social tem sido ignorada, invisibilizada, mas no resgate das experiências revelam-se significações inscritas em seus desejos, sonhos, projetos que se alicerçam nos espaços onde podem encontrar fundamentação para além de uma racionalidade dominante e estática.

Se o sentido de pertencimento via trabalho é frágil, se sua imagem social é negada, culturalmente construída *em negativo*, a instância familiar compreendida como o espaço dos afetos, do compartilhamento e cumplicidade (Sarti, 1996), as experiências de vida - de quem já viveu tanta coisa, trabalhou tanto, teve tantos filhos - representam, mesmo em suas fragmentações, o chão mais firme, o lugar da invenção. Portanto é na compreensão da experiência cotidiana que podemos encontrar as raízes dos seus sentidos de identificação e as pistas para a superação de sua condição atribuída. Essa é a idéia central desse trabalho: compartilhar a busca com esses (as) trabalhadores (as) e acreditar que há como criar espaços por onde se pode respirar, mesmo se nos encontramos submersos a maior parte do tempo.

⁵⁴ As aulas aconteciam nos finais de semana ou em algum horário predeterminado na última sessão nas casas das pessoas: a idéia partiu de D. Lurdes que, quando disse que era professora, me pediu que ensinasse um neto de 16 anos a ler e escrever. Formou-se rapidamente um pequeno grupo de cinco pessoas (abril de 1997) que se dispersou em dois meses, em decorrência da instabilidade em que viviam na época: todos sem emprego, o lixão fechado.

2. Vozes

“Agora não tem mais roça”

Você vê, filha, a laranja acabou, a cana também. De antigamente tinha serviço, tinha uma roça pra cuidar, o menino tinha sempre, mesmo que pouquinho, um dinheirinho no bolso... Agora vê essas máquinas aí, faz tudo! [aponta para a televisão que transmite uma reportagem sobre o cultivo de cana na região] Olha! Vai limando do chão, separa bagaço e vai cusindo! A gente levava o dia nessa lida! Agora não tem mais roça... E o povo vai trabalhar em quê? Não tem mais serviço pro povo! A cidade não é lugar de pobre! [silêncio] No lixo é que nunca acaba, né? (D. Lurdes, caderno de campo, em sua casa, outubro, 2003)

Califórnia Brasileira: expressão que designa a prosperidade da região nordeste do interior paulista - impulsionada em grande parte pela implantação, na década de 1970, do Programa Nacional do Álcool (Proálcool) - em termos distribuição de renda *per capita* e qualidade de vida. Segurança, limpeza, saúde pública, criação de universidades, crescimento de postos de trabalho e oportunidades no setor dos serviços funcionaram como os principais fatores de atração de parcelas de populações dos grandes centros urbanos, principalmente do Sudeste do País, em busca de segurança e melhores condições. Por outro lado, a região tradicionalmente agrícola, herdeira das mentalidades e práticas conservadoras das elites dos latifúndios do café que se transformaram, nas reorganizações do econômico, nas propriedades da cana-de-açúcar e da laranja, contou na época com um grande contingente de trabalhadores vindos de outras regiões, em especial dos Estados do Ceará, Pernambuco e Minas Gerais, nas lógicas cruéis e desestruturadoras das vivências que impulsionam a migração.

Atualmente e de forma mais acirrada a partir de 1990, os processos de mecanização inscritos na dinâmica econômica neoliberal têm expulsado essas (es) trabalhadoras (as) do campo, repisando rupturas, despojando-os de opções para a sobrevivência. No universo

desta pesquisa, das 45 pessoas⁵⁵ que foram despejadas e compuseram a Acácia, a grande maioria acima de 25 anos de idade esteve no corte da cana e na colheita da laranja em situação permanente e temporária, revezando a subsistência com atividades paralelas de curta duração, dentre elas a catação que se transformaria em via de sustento principal. Nasceram e trabalharam desde a infância nas fazendas de café na região, 8 pessoas sendo que 4 são filhas de migrantes que vieram de Minas Gerais e Pernambuco para as usinas de cana-de-açúcar da região. São trajetórias marcadas por muito trabalho, construídas em meio a fragmentações de muitas ordens, alimentadas de projetos e planos cultivados nas brechas e espaços do possível.

(...) Pra maioria do pessoal mais antigo, o que pegou muito foi o desemprego na cana, a gente pode ver, quando começou a vir os maquinários? Aí você vai fazendo uma avaliação de onde estavam essas pessoas, ou moravam em alguma fazenda que também foi acabando aí vieram tudo pra cidade e aí não tem emprego na cidade, né? Vêm pro lixão - foi assim com D. Lurdes, Divina, Maria, Mara, Rosilda, Rosalina, ih! Acho que quase todos já trabalharam na cana aqui. (Lena, na Acácia, com gravador, setembro, 2004)

As trajetórias apresentadas a seguir revelam esse mesmo percurso, das fazendas ao lixão realizado pelas três mulheres (D. Maria, 63, D. Divina, 65 e D. Lurdes, 70) que deram início, juntamente com seus companheiros e filhos à chamada, por D. Divina, *coloninha*, uma vila de barracos de plástico, papelão e madeira, uns mais permanentes que outros, dentro do lixão. Instituíram-se ali, em 1980, as vidas abastecidas no cotidiano das relações de trabalho e de convivência, compartilhamento de uma experiência a constituir, por sua vez, modos de vida nos fazeres a demarcar as memórias em seu caráter social (Halbwachs, 1990) e as identidades; construtores do que temos chamado de sentidos de pertencimento: *"(...) as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu"*. (p.131)

⁵⁵ Destas pessoas, apenas nove conversaram comigo em situação de conversa prolongada ou entrevista mais sistematizada. Esses dados a respeito da origem foram captados em conversas rápidas, mas freqüentes, ao longo dos anos, anotadas em caderno de campo.

A reconstituição destes caminhos realizou-se a partir de estendidas conversas com D. Lurdes, nos anos de 1997, 1998 (todas anotadas em caderno de campo) e, mais recentemente 2003 (com gravador); em duas tardes de domingo inteiras com D. Maria (caderno de campo, 2004) e no horário do almoço de um dia, após vários ensaios, com D. Divina (gravador, 2004). No primeiro caso, apresentado nas páginas de abertura deste capítulo, trabalhamos fragmentos das conversas realizadas em diferentes épocas do período citado referentes aos principais eixos que descrevem, nas falas de D. Lurdes, sua trajetória de vida e lhe estabelecemos um ordenamento, por assunto, a formar relatos únicos da *origem de nascimento ao lixão, no lixão, do lixão ao processo de despejo em seus desdobramentos*. Sua narração dos acontecimentos acontece paralelamente à sua vivência, nos levando às impressões sentidas ‘na pele’ por ocasião do despejo em seus processos e através delas podemos compreender melhor suas resistências em relação à mudança⁵⁶.

Com D. Maria, a conversa se estendeu mais linear, focada *nos tempos do lixão* e em sua relação com este espaço - seus relatos, que anotei com o máximo cuidado e atenção, constam na íntegra e se estabeleceram, em alguns momentos, como uma troca na qual recebi conselhos e ensinamentos sobre a vida - e com D. Divina, a partir de uma longa narrativa espontânea e detalhada num recordar de sua trajetória que remexe as memórias e costura, num refazer (Bosi, 1994), os fios das lembranças e do *vivido*⁵⁷ sob novas roupagens, meu posicionamento foi de escuta e o tratamento e apresentação das narrações acompanhou o próprio ritmo da fala em seus vaivéns a desfiar antigas lembranças e sentimentos. Ao imaginar a memória como “(...) *um cabedal infinito do qual só registramos um momento*” (Bosi, 1994, p. 39) consideramos, nestas falas, esses momentos como pontos a iluminar a narrativa, marcados pela força das mudanças, *transições*: sair de casa, casar-se, ter e perder filhos, separar-se, perder as possibilidades de trabalho, mudar de ‘morada’ constituem os fios condutores das conversas em questão. Nas vidas narradas destas mulheres-pobres-negras o trabalho é o elemento de peso preponderante a afirmar sua identidade, seu lugar social, sua força e sua dignidade.

⁵⁶ A descrição etnográfica e as conversas na íntegra constam em Adametes (1999)

⁵⁷ O vivido dos significados que sustentam as relações sociais (Schutz); como fonte das contradições que invadem, por vezes, o dia-a-dia gerando momentos de criação (Lefebvre, 1972)

1.1 D. Lurdes

O destino

Preferia se eu pudesse escolher minha vida do começo, voltar tudo, ficar na roça, pra plantar um arroz, uma verdura... Essa cidade aqui é pra rico, não é pra pobre. Cidade não é feita pra pobre.

Eu nasci pros lado de Boa Esperança [interior de São Paulo] em fazenda de café, que meu pai era caseiro e minha mãe cuidava da casa, da roça e olhava nós. (...) Minha mãe era muito boa, ensinou todo o serviço da casa, cuidar dos irmãos, mexer no fogão, que naquele tempo passado era de lenha. Ih! Cê não sabe o que é cozinhar na lenha menina, a fumaça nos olho... De abanar assim, ó. Meu pai trazia e colocava a gente ali, não deixava sair, tinha que trabalhar na roça, era dura a vida lá na roça, tinha os mal trato, muito serviço na roça, muito duro viver lá. (...). Meu primeiro emprego foi olhar criança, ficava na cidade na semana, depois ia pra fazenda de volta. A patroa era boa, dava mantimento, eu ganhava gorjeta e dormia num quarto até com guarda-roupa, ganhei uma sandália... Que lá na roça nós andava descalçado. O dinheiro eu dava pra minha mãe, pra ajudar.(...) Daí eu fugi um dia pra casar, tava com 13 anos, mas tinha parada, não foi sem destino não, fugi com o namorado e fomos pra casa da madrinha dele, que ele não tinha mãe. Lá era ruim morar, nossa! Só casei na Igreja quando peguei idade, com 16 anos. (...) O primeiro filho eu tava com quinze anos. É, o primeiro que eu tive um aborto, que eu perdi com cinco mês. Porque eu só tinha quinze anos e a cadeira não segurava, cadeira estreita [refere-se à estrutura do corpo], que eu era nova e eu perdi. Antigamente mocinha nova que ficava grávida, muitas perdia.

D. Lurdes engravidou mais onze vezes - “Tive onze, mas criei nove. Os outros morreu de complicação, naquele tempo tinha filho com a parteira, em casa...” -, perdeu a segunda criança, no parto, *de umbigo trançado* e criou quatro homens e cinco mulheres. Seu primeiro filho, Adão (43 anos), mora a algumas quadras de distância, tem dois filhos e dois netos, *vive muito doente, na base do remédio*, com cirrose hepática, já esteve associados à Acácia, mas trabalha atualmente com a carroça e o cavalo da mãe, fazendo *carreto* ou em busca de material (lixo) nas ruas; Luciano (30 anos) mora ao lado da mãe com a esposa e uma filha de nove anos e trabalha na Associação; Sidney, o caçula de 22

anos *ergueu um barraco* de plástico e madeira nos fundos da casa da mãe e vive *do vento*, porque *não faz nada da vida* com a esposa de 20 anos um filho de 6:

Veio ela e a irmã, duas gêmea, são gêmea. A outra vive com o meu sobrinho, mas são umas menina despreocupada... Acorda meio dia, eu acordo todo dia seis horas e faço uma coisa, mas essas não faz nada, pra varrer um quintal, tem que mandar. Já falei pros menino, eles falaram com elas mas são teimosa... Tô eu lá no fogo, as mão tudo suja da lenha, que to sem gás... Faço a comida, na hora elas toma banho, senta, come, empurra o prato e só.

Sandro (37 anos), *vive de bico e na laranja*, é casado com uma *boa mulher* e mora em um *rancho de madeira simples, mas ajeitado*, a três casas adiante, tem dois filhos, de 13 e 15 anos. Eva era solteira, não tinha filhos e faleceu aos 25 anos de idade na creche mencionada: *misturou bebida com remédio*, segundo D. Lurdes. Norma *está melhor de vida* e mora com o marido e um filho de 7 anos na casa da sogra, em outro bairro; Ondina é vizinha de Luciano, tem 29 anos, vive com o marido, dois filhos 13 e 14 anos uma filha de 11 e outra de 8, *bebe demais*, assim como Rosana (27 anos) que *é um precipício na vida*, está separada e tem três filhos: o primeiro *vive longe* com o ex-marido, o caçula está com 8 anos. Sandra (24 anos), tem dois filhos pequenos e mora com Ondina, mas costuma passar os dias na casa da mãe, principal ponto de referência para todos (as). As filhas de D. Lurdes não trabalham ‘pra fora’, vivem “(...) *de pedir um dinheirinho aqui, outro lá. A Ondina pede no bairro, eu é que nunca pedi dinheiro! Às vezes eu ajudo, né... com uma comida, um arroz... Que eu sou mãe, né?*”

No lixão, o primeiro caminhão que parou ali, fui eu que comecei a catar. Era ali no mesmo lugar, começou lá na beira da estrada. Eu tinha uma carroça com um cavalo e então eu andava com a carroça catando pra vender. (...) Eu com meu marido já catava papelão, lata, alumínio, cada coisa um pouco. (...) Trabalhei uns dez anos, depois mudei pra Boa Esperança, vendi meu terreno lá no Biagione [bairro da cidade de Araraquara], fui pra Boa Esperança, não deu certo, já tava separada do meu marido já, fui pra Boa Esperança com meus filhos, tinha uns

pequeno ainda, comprei um terreninho com o dinheiro do terreno daqui, não deu certo, voltei pra trás e até agora [1998] fiquei [no lixão]. (...) Eu tinha uns 33 anos, que eu perdi um terreno lá no Biagione e fui morar no lixão, morei uns cinco anos. Um terreno bom, dava uns 3 desse aqui, ia daqui até a última casa, ali, quando eu penso... Nessa vida... (...) Lá [quando morava no lixão], no tempo de chuva era ruim, que nós morava em rancho, feito de pau, pedaço de plástico. (...)

Eu separei do meu marido e ele 'pôs fogo em mim', ficou falando, pra eu vender o terreno. (...) Dividimos o dinheiro, que ele foi morar com outra mulher, lá do lixo, o dinheiro que eu fiquei não deu pra nada, aí fui pra Boa Esperança. (...) Foi culpa dele... Que agora eu passo lá em frente e tem uma casa de fazer gosto em cima, era um terreno grande.... (...) Tem uns... Já faz uns 13 anos que eu separei e não quero arrumar nada não de marido, homem... Tá bom assim... Quero não, que não tenho mais paciência.(...) De velha, passa pelas coisas, não quer mais. (...) Você é nova ainda... Ele (ex-marido) bebe demais, trabalhador sempre foi, trabalhava de segurança quando nós catava papel, lixo com a carroça, mas bebe demais... (...) Bebe depois fica maltratando, xingando... Às vezes aí na casa dele ele dá escândalo, filha, mas parece que eu tô vendo ele aqui gritando dentro de casa...

A catação de lixo surge, para o casal, como “*um bico na hora que não tinha trabalho na laranja e na cana, que foi acabando*” e se estabelece como atividade principal diante de uma trajetória precária e instável. A imagem do caminhão de coleta despejando *toda aquela riqueza* no depósito lhes anunciou, em sua lógica, uma maneira mais segura - pois *o lixo não acaba* - econômica e autônoma de viver. Catar e selecionar lixo em depósitos implica em baixos custos, energia física e, quando é possível, uma carroça e um cavalo e significa ter a autonomia dos dias, das horas e do ritmo de trabalho estabelecido pelo fluxo e caráter dos caminhões. Para D. Lurdes, após o momento da separação conjugal na qual ficou *sem ter morada* e com a responsabilidades dos filhos ainda pequenos, a única alternativa foi morar no lixão: *Olha, foi comigo morar lá a Sandra, a Ondina, a Rosana, a Norma... Tudo pequeno...*. Viveu ali uma trajetória que, em suas palavras (já referidas), impôs-se como destino e guardou dinheiro com o qual alugou, após seis meses, uma casa

de três cômodos no bairro Parque São Paulo, para que seu filho mais novo pudesse ir à escola pública e ela pudesse continuar trabalhando. O aluguel pesou, o filho largou a escola, Lurdes voltou ao lixão (1980) e ali morou até ser removida para a creche desativada e, mais tarde, para sua casa atual no bairro referido, passando por todo o processo narrado nas páginas iniciais deste trabalho” - de todas as falas, as suas são as mais significativas no apontamento das relações de dependência construídas entre a Prefeitura através da Secretaria de Promoção Social e os (as) catadores, como está indicado nos relatos a seguir:

Hoje mesmo nós tava falando do lixo... Tá difícil... (...) [ocasião do despejo] Lá no Santana [na creche], lá o povo ajudava a gente, não faltava nada. (...) Nós ia catar lixo no tempo da creche. Pegava o ônibus, [utilizando passes doados pela própria secretaria de Assistência Social] ia parar lá no Pinheirinho, punha a roupa de serviço, trabalhava, à tarde passava, se lavava, trocava as coisa [venda do material], pra depois ir embora. Às vez ia a pé mesmo, quem não recebia passe porque trocava em bebida, ia a pé. (...) (1997)

Lá do lixo nós saiu porque a D. Deodata que tirou nós de lá. Tirou, porque lá nós não devia ficar. É, tirou nós de lá, levou pra creche. Foi bom ter ido lá, ficamos doze mês, mais... Foi bom porque senão a gente não tava aqui [nas casas]. (...) Eu gosto dela [refere-se a Deodata], não tenho o que falar dela não. Foi a D. Deodata que ajudou nós aqui, tem muita gente que fala que não, mas eu tenho pra mim que foi ela, se não fosse ela nós não tava nessa casa, não tava não. Imagina, se ninguém tirasse nós de lá nós tava lá, nós tava pra rua jogado porque agora [1997] entrou essa firma [Construfert] agora (...). (1998)

Mas se eu tava lá no lixo, garanto que já tinha acabado a minha casa aqui, mas não tem serviço, pois é, e a roça, dá pra fazer o que com quarenta real a caixa de laranja? Tem dia que não dá a caixa, tem dia que nem hoje, com a chuva eu já não fui trabalhar [ocasião do despejo]. E lá no lixo? Lá tava chovendo e a gente tava trabalhando. (...) Pois é, tava assim chovendo e nós lá, daí nós vinha embora com o dinheirinho, e aqui agora? Não tem um açúcar, com que eu vou comprar? Pois é,

se eu tava no lixo eu tava trabalhando agora e à tarde eu tinha um dinheirinho pra comprar, e agora? Foi mal tirar o lixo, foi mal. Lá era um tempo bom, nós não passava necessidade, todo mundo se conhecia e tinha quem ajudava. Nós vivia lá e se não tivesse tirado, nós ainda tava lá trabalhando. (...) Lá foi o pior tempo da minha vida e não foi. (2004)

Reencontrei com D. Lurdes em 2003 na Acácia e no final do expediente a acompanhei à sua casa - que já está terminada, com piso, vidros nas janelas, reboque... Nessa conversa retomamos muitos pontos do processo de transição do lixão para as casas e sobre a constituição e os então ritmos de trabalho na Acácia, descritos no próximo capítulo. Naquele momento do reencontro (havia quase dois anos que não nos falávamos, pois estive fora de Araraquara), procedemos da mesma maneira - sentei-me em uma cadeira que ela logo foi buscar enquanto também tinha colocado água para o café que me ofereceria: *“Agora não falta mais café e o meu pito, esse que eu tô fumando”* [mostra o cachimbo]. Como antes não a havia visto fumando (e o faz com tanto prazer!), demonstro surpresa e ela diz *“Lembra que naquele tempo difícil que você vinha mais aqui, só tinha cana pra te dar? Então, com o café, gostava de moça, pitar cachimbo. É coisa de gente da roça... Depois me deu umas tosse, menina, agora tô boa”*.

Durante aquela tarde de domingo D. Lurdes expôs seu cansaço e sua vontade de parar um pouco, trabalhar num ritmo ‘mais sossegado’ emprestando, ao acompanhar pensativa as espirais de fumaça cachimbadas, um tom de reflexão sobre a vida, de encerramento de um tempo para uma geração que já envelhece, cansada da vida toda de trabalho, que sempre foi labuta pela sobrevivência nas adversidades de um percurso trilhado com constância: em nenhum momento, desde criança, D. Lurdes esteve sem trabalhar e, com os filhos e a ausência, mais tarde, do marido, sua trajetória se descreve pautada pela responsabilidade em relação ao sustento da família que, até hoje, vive ao seu redor, mas já cumprida a missão de mãe:

Olha, eu tô lá na usina, mas tô cansada já, tô cansada... De descer essa rua todo dia cedo, que nós desce cedo, com chuva, com sol... Esse caminho a pé todo dia, é longe... Que vai... E pra voltar? Cansada do dia de trabalho? Eu não dou mais pra

isso não, a Lena disse que tem aposentadoria, tem os papel... Daí fico no trabalho mais sossegada, com carroça perto, na rua, mas tendo, fazendo horário, os dia também... Agora, lá [na Acácia] diz que vai melhorar, pra mim sempre foi descer aí essa rua aí, passar dentro do canavial, encontrava com D. Maria que descia... Nós parava no caminho e tomava café da garrafa.... Igual nos tempo da cana... Que já passou, né? O tempo passa, a roça passou, não tem mais roça... Só tem agora é máquina... Mas criei os filhos, tá tudo criado.

1.2 D. Divina

O trabalho⁵⁸

Ih! Minha vida foi muito cabulada... Foi muito cabulada, e pra criar esses filhos? Quanto que eu sofri... (...) Trabalhava pra ponhá comida pros meus filhos, nunca abandonei um filho.

Novembro, 2004:

“Passei na venda, comprei uma sandália, fui embora”

Nasci em Pederneiras, pra lá de Jaú [interior de São Paulo] Eu sou de Julho, dia 11 de Julho, eu nasci, 13 anos eu me casei e já separei da minha mãe, que meu pai tinha morrido mesmo, então eu vivia pro canto dos outros, que minha mãe me deu pra uma senhora, sabe, porque minha mãe já foi morar com outro homem, então ela não queria que acontecesse coisa errada comigo... Isso foi de pequena eu tinha o quê? Quando meu pai faleceu eu tinha 10 anos. Fui morar com essa senhora, eu tinha 10 anos e fiquei com essa senhora bem uns... 3 anos eu fiquei com ela!

- Era uma boa pessoa essa senhora?

Ela era uma boa pessoa! Ela era em vista, assim, uma pessoa muito inteligente, era uma pessoa muito boa, tinha eu como se fosse da família dela, como se fosse uma filha dela, da família! E eu fui morar com ela, minha mãe deixou eu, de vez em quando minha mãe vinha ver eu, sabe, e ela me dava roupa, calçado, sabe? Aí... Teve um baile, um bailinho teve, na fazenda, daí nessa festa apareceu lá meu marido, apareceu num baile.

⁵⁸ Essa entrevista está aqui transcrita integralmente (com exceção de pequenos trechos).

Chegou lá, eu peguei gostar dele, daí eu peguei e contava a situação, que minha mãe tinha dado eu pra essa senhora, aí ele falou “ai, eu tô gostando de você, se você quisesse morar comigo, eu tirava você do sofrimento, que você trabalha...” Eu trabalhava demais, né? Eu tomava conta da casa dela, ainda olhava duas crianças que ela era professora também...

- Mas ela era dona lá fazenda?

Ela era a patroa da fazenda, ela dava aula pras crianças lá da fazenda que eles tomava conta, ela era professora e tinha um casal de gêmeos e eu olhava o casal de gêmeos pra ela, né? Aí apareceu meu velho, eu comecei a gostar dele, aí ele me roubou! Fugi! Aí eu já peguei com 12 anos a gostar dele, ele gostar de mim, aí ele foi lá na fazenda, todo mundo falou assim “ah, eu vi o Antônio na fazenda”, eu falei “será?”, a patroa tinha saído pra dar aula, eu pensei “será que ele veio buscar eu mesmo, que ele falou que vinha?” E o carro tava longe, esperando eu! Aí eu aprontei logo a roupa, dali um pouquinho a patroa chegou, aí eu falei pra ela “D. Eugênia olha, eu precisava ir lá na venda buscar umas coisas pra mim que eu tô precisando, a senhora tem um dinheiro?” Ela falou “tenho”, mas não era, era pra fugir com ele, então ela chegou e eu tinha que entregar as crianças pra ela, daí eu falei “eu vou na venda pegar umas coisas pra mim lá”, ela pegou e me deu, naquele tempo, assim das coisa barata, ela me deu um tostão, era um tostão que ela me deu... Era pouco, aquele tempo dava pra comprar as coisas, porque eu comprei, aquele tempo, comprei uma sandália, que eu não tinha, pra fugir: passei na venda, comprei uma sandália, fui embora.

Fui pensando, porque eu tinha muito amor nas crianças que eu olhava, eu amava as crianças e pensava “meu Deus, será que ela vai arrumar outra pra olhar como eu olhava?”, que ela me adorava muito, eu tomava conta que nem ela não tomava, eu tomava tão bem conta, eu dava banho nas crianças, eu trocava, eu zelava, sabe? Eu cuidava muito bem. Daí eu peguei e fugi. Ela, muito desesperada, mandou avisar minha mãe, né? Minha mãe veio, foi no Fórum, que eu precisava, eu era de menor, que eu não tinha idade pra casar, então eu fui no Fórum... Eu fui pro Fórum com meu velho, chegou lá e nós era pra casar nas duas leis, não deu porque eu não tinha idade pra casar, o promotor falou “quando ela tiver idade, a senhora traz, daí nós fazemos o casamento, a senhora casa ela na Igreja”, mas assim mesmo pra casar na Igreja foi tirado 3 anos dele e pnhado pra mim, pra poder casar na Igreja, a idade, tirou dele e pnhou pra mim.

Fui morar com a minha sogra... Daí não deu certo, larguei da minha sogra, aí fui morar sozinha, só eu e ele. Ele era tratorista, ele arrumou uma fazenda, aí nós fomos embora pra uma fazenda.(...) Eu era menina! Eu tinha apenas, ia fazer 13 anos, eu era criança. Ali, eu fui morar ali e eu gostava sempre de trabalhar e ele não queria que eu trabalhasse mais, que ele era tratorista, né, só nós dois, por enquanto foi só nós dois, mas daqui um ano já... Daí ele falou pra mim “cê não precisa trabalhar”, aí eu falei “eu vou trabalhar”, aí eu peguei, fui na casa da D. Olga [dona da fazenda], falei “D. Olga, a senhora não tá precisando de empregada? Vê se alguma mulher, alguma senhora tá precisando de empregada, que eu tô precisando trabalhar”, aí eu fui trabalhar, trabalhei até... Até uns 8, 9 mês, aí eu precisei sair que eu fiquei grávida, logo eu já fiquei grávida, aí eu saí do serviço, ela muito contente comigo, ela me cedeu roupa pra mim, pro menino que ia nascer, ela era muito boa, me entregou um salarinho que eu ia sair, sabe, me deu um berço, me deu um carrinho, pro bebê, que eles adorava eu, sabe, eles me estimava, até os filhos dela me estimava, a rapaziada, cansava de brincar comigo, eles me estimava eu, daí eu saí de lá por causa que eu fiquei grávida... Eu já sofri na minha vida, filha, esse lixo aqui já foi minha morada!

“Meus filho, Deus levou tudo criado, que é tanto que eu peço pra Deus, chega!”

-E isso tudo lá em Pederneiras?

Em Pederneiras, que eu sou de lá, eu vim pra cá pra Araraquara, mas quando eu vim pra cá eu trouxe meus filhos todos, bem dizer, essa caçulinha minha [aponta para Rosângela que está sentada logo adiante, almoçando ao lado do irmão], eu trouxe ela com seis meses pra cá, esse menino alto aí, ele veio com dois aninhos de Pederneiras... O Valdinho, o Osvaldo, ele veio com 2 aninhos, eu criei eles tudo aqui, eu morava no lixão! Eu vim de Pederneiras, vim morar no lixão, morei mais de 25 anos em cima desse lixão!

- E... Quantos anos a senhora tem?

Agora? Eu tô com 64 anos, vou pra 65 anos... É, agora em Julho, né... Vou fazer 65.

- Aí a senhora tava contando que saiu de lá, da casa que a senhora trabalhava...

Saí, saí lá da casa que eu trabalhava, ganhei o nenê... Foi o primeiro, esse que vem buscar lavagem aqui, o Tonhão, é o que pega lavagem pro cavalo aqui, bem altinho, é o

filho meu mais velho, ele agora tá aí pra pegar lavagem, mas hoje não tem, porque a usina tá quebrada [a esteira parada].

- Ele tem uns 40 anos?

Ele já fez 40, ele tá com... 48 anos. A mais nova tá com 20 anos, a caçula, ela fez 20 anos. Ela não trabalha aqui, ela fica em casa, ela tá louca pra entrar aqui, mas... Quem é minha filha que trabalha aqui é a Rosângela, mas depois da Rosângela tem a mais nova, a caçula minha, que ela é a caçula das mulheres e o Valdinho é o caçula dos homens, que eu tive 7 filho homem e tive 6 filha mulher. Tava tudo vivo, 13 vivo, já morreu 4, aqui, criado. Morreu uma menina que ela ia fazer agora 23 anos, que ela ia fazer, 23 anos... A Adriana e morreu um filho meu, com 32 anos, e morreu pouco tempo agora outro, o Vanderlei, com 28 anos...

... (Silêncio)

O Aparecido meu morreu do coração, a menina morreu do coração, do mesmo problema dele, e agora esse outro que morreu agora morreu de cirrose e o menino que caiu na água, morreu afogado.

...

Tudo criado, tudo criado, meus filho, Deus levou tudo criado, que é tanto que eu peço pra Deus, chega! Já dei bastante pra Ele, me deixa eu criar esses que Deus me deixou, não é verdade? Eu já sofri na minha vida, filha, esse lixo aqui já foi minha morada! Morei 4 anos nesse lixo aqui!

...

“Aí eles ficaram gostando muito do meu velho, que meu velho era muito esperto pra trabalhar”

- Que... no lixo, a senhora falou 25 anos, mas não era de morada, né?

Não, filha, depois eu mudei, tiraram nós de lá, ficamos 4 anos lá no lixo, depois tiraram nós de lá, aí nós viemos pra cidade, não tinha outro serviço, era difícil, daí teve aquela greve [greve dos lixeiros, 1992] aqui, aquela greve em Araraquara, lembra? Os lixo ficou tudo pra rua, aí o Prefeito Dessante veio no lixo, ele com o Zé Luís, o filho da Deodata, não sei se você conheceu... E o Capela, que trabalhava lá na prefeitura. Eles

vieram no lixo, assim, nós tava tudo trabalhando no lixo, ele interessou meu velho, porque os carregador tava tudo em greve, daí ele veio buscar uns homens aqui no lixo pra puxar o lixo na rua e meu velho entrou nessa coleção, aí meu velho pegou trabalhar, foi meu velho e um menino que eu tinha, que os outros era pequeno, o que era mais grandinho, esse que Deus levou, que ele tava com 17 anos foi também puxar o lixo com meu velho.

Aí eles ficaram gostando muito do meu velho, que meu velho era muito esperto pra trabalhar, aí o Seu Dessante já continuou, pegou e deu serviço pra ele, aí já ponhou ele de guarda, que ele já era de idade, aí ponho ele de guarda aqui, só de guarda, ele fez 12 anos de guarda aqui, nesse lugar que eu tô trabalhando, aqui, na firma aqui, que era da Prefeitura, ele trabalhou de guarda, o Capela ponhou ele aqui. Isso já faz... Bem uns 10 anos que ele saiu. Aí, meu velho pegou, trabalhou aqui, daqui tiraram ele daqui, mas pra prefeitura mesmo, ponhou lá no Pinheirinho, ele era guarda lá no Pinheirinho, lá também ele ficou uns 3, 4 anos no Pinheirinho, depois tiraram ele lá do Pinheirinho, botaram ele lá no Caique, pra tomar conta do ginásio, da escola das crianças, trabalhou lá também, meu velho entre tudo, trabalhou assim uns 15 anos pra prefeitura, aí tiraram ele, aposentou.

“Trabalhei e tô trabalhando, não parei não!”

- Que a senhora foi trabalhar nova, né?

Eu, com 10 anos já fui trabalhar pros outros! Com 10 anos minha mãe me empregou! 10 anos! Em casa de família e em roça, ô!... Quando meu pai morreu mesmo, nós trabalhava todo mundo na roça, quando meu pai faltou, aí a minha mãe já não quis mais que eu ficasse com ela, porque daí ela já arrumou um outro homem estranho, aí ela já não queria, que só eu de mulher, né?

- E a senhora tem quantos irmãos?

Eu tenho dois irmãos homem, eu tinha duas irmãs, mas faleceram, agora tenho dois irmãos que ainda é vivo, graças a Deus ainda é vivo, moram em Pederneiras, eles têm casa lá.

- E a sua mãe também trabalhava na roça, pai...

Trabalhava na roça, pai, tudo, minha mãe e meu pai era colono, eles tinha terra, café, tudo, que eles tocava café, era colono. Tudo de lá de Pederneiras, só que minha mãe

era portuguesa, mas só que não era portuguesa de lá da terra deles, era nascida aqui. Filha de português. E já meu pai era mineiro, nascido pra cá também.

...

Ai, já sofri, minha filha, nem queira saber o quanto eu já penei na minha vida, pra criar esse monte de filho... Eu tinha um filho por ano! Cada ano eu tive um filho, e trabalhando!

- Naquela época não evitava filho, né?

Naquela época era difícil, ninguém evitava filho! Depois que veio os comprimido, aí veio os comprimido, aí eu comecei a evitar, desse menino aí, com a outra menina que faleceu, eu fiquei cinco anos, quando eu tive a menina eu comecei a tomar comprimido, daí eu fiquei cinco anos sem ganhar esse neném, depois eu fiquei muito doente com os comprimidos, começou a me inflamar o útero, aí o médico mandou parar com os comprimidos, foi onde eu engravidei dele. Se não fosse isso, acho que até hoje eu não tinha mais, porque depois dele eu tenho uma menina que é caçula ainda...

- A vida toda a senhora teve filho...

Eu sou mãe de 16, e criei 14, criei 13.

- Os outros 3 morreram de pequenos?

Morreram, teve um que morreu fora de tempo, chegou até os 5 mês, daí eu fiquei com uma vontade de comer bacalhau, bacalhau, bacalhau, ponhei o menino fora, e o outro ele nasceu, mas nasceu com o mal de sete dias, já ouviu falar do mal de sete dias? É uma doença que dá no umbigo, ele nasceu às 5 horas da tarde e morreu no outro dia, às sete horas de cedo, do mal de sete dias, nasceu gemendo e morreu gemendo. E o outro meu morreu de... Que ele era pequeno, aí eu falei pra menina, ó, você olha o seu irmão, que a mãe vai trabalhar, que toda vida eu trabalhei. Eu morava assim, perto assim de um ribeirão e aí ela descuidou, ele caiu e morreu afogado. Morreu afogado na água, o ribeirão levou o menino longe, pra achar o menino, nossa, uns 500 metros e eles procurando o menino e o menino morto no ribeirão, até que eu cheguei de tarde, ah, sem saber, o que tinha acontecido em casa, não mandaram aviso, não mandaram nada, eu trabalhava assim, pegava o caminhão de turma e saía.

- Pra cana?

Não, abanar café, colher folha café.

- Naquela época era mais café, né?

Era, era café, era aquela fatura de café, agora é difícil até ter, mas naquele tempo não, naquele tempo era colheita, eu abanava café.

- Abanar café como é?

Com a peneira rastelando, fazendo um monte e você vai ponhando dentro da peneira e abanando... E aí você ensaca, abana, bem limpinho, depois cê põe num saco, aí os trator passa, apanhando os saco, ponhando pra dentro dos trator, pra ir pra fazenda. [Silêncio] Trabalhei muito, trabalhei muito... Trabalhei e tô trabalhando, não parei não! E não acho jeito de ficar em casa, eu acostumei no serviço, que eu não vejo a hora, que tem o domingo, eu não vejo a hora de passar o domingo pra chegar a segunda pra eu tá aqui. Acostumei. Minha casa eu não vejo a hora de passar o dia e a noite.

Eu acostumei, porque o tempo da Construfert eu trabalhei aqui, dois anos e meio, trabalhei, dois anos e meio, daí eu perdi minha filha, fiquei muito desgostosa, que ela tomava conta da casa pra mim, daí eu fiquei muito desgostosa, peguei e saí, mas eles não queria que eu saísse não, que eu era muito estimada, mas eu tava muito triste - não comia, não bebia... Aí eu vim aqui e pedi a demissão pro Paulinho, o Dr. Cláudio, ele foi, me deu conselho, me deu muito conselho, que eles gostavam muito de mim aqui, mas daí eu peguei e saí, fui no sindicato, eles me pagaram tudo certinho, daí eu peguei e saí fora. Mas eu nunca fiquei em casa, toda vida eu sou do trabalho mesmo. Eu posso até estar doente, tem vez até que eu tô com tontura, que eu tenho a pressão alta, já andei nesses caminho cabeceando, que nem bêbada...

“Eu morro, se for preciso, nunca abandonei um filho”

- E a senhora mora no Parque São Paulo?

Eu moro no Parque São Paulo. Aqui de cima, onde tem uns pé de batata, alto, no meu quintal tem um pé de batata mais grande que essa árvore aqui [mostra uma árvore, em frente, de uns 2 metros].

- A casa é da senhora mesmo?

É casa minha mesmo, graças a Deus.

- É uma vida muito cheia de coisa, né?

Ih! Minha vida foi muito “cabulada”... Foi muito cabulada, e pra criar esses filhso? Quanto que eu sofri... Trabalhei de empregada, trabalhava na roça... Pegava caminhão de turma [para trabalhar na cana], pra ajudar ele, que ele trabalhava muito, né? Mas sozinho, pra tratar de bastante criança, comprar comida e roupa, tudo, é triste, né?

- E ele é um bom companheiro, então...

Ele é, ele é. No começo ele deu de pular um pouco de cerca, tu sabe, né? Aí depois foi pegando mais idade, né? Aí depois foi “lentando”, porque no começo ele pulava um pouco de cerca. E eu lá! Firme! Ele podia fazer o que for, mas eu lá com meus filho, trabalhava pra pohná comida pros meus filhos, nunca abandonei um filho. Graças a Deus, e criei, labutei, mas, porque homem, cê sabe, né? O homem nunca é como a mãe. A mãe morre pros filho, cê sabe como é... Pai não é tanto pros filho, agora, mãe não! Eu morro, se for preciso, nunca abandonei, só larguei pra Deus porque ele chegou e pegou de mim, eu não queria. Porque se ele pede pra mim, eu falava “ai, Jesus, tudo eu posso fazer pra você, mas dar meus filho não...”.

- Com Deus não tem discussão, né?

Não tem discussão, tem que... Tudo que Deus faz tá bom.

- A senhora tem religião?

Eu sou católica, tenho muita fé em Deus, eu sou católica, graças a Deus, tenho muita fé, nossa senhora! Sem Deus nós não somos nada! Eu acredito, minha filha, muito em Nosso Deus, Deus é nosso Pai! Não cai uma folha da árvore sem Deus querer, ela só cai se Deus querer, aí pode ser que ela vai balançando, mas se Deus não quer que ela não cai... E se Deus falar “cê vai cair hoje”, aí ela cai.

“Todo mundo tinha barraco no lixo”

- D. Divina, o que foi que tem no dedo da senhora? Foi acidente?

Não, minha filha, eu nasci assim, foi de nascimento. Esse é torto... Minha mãe comia muito caranguejo quando tava grávida de mim, cê vê, é a garra do caranguejo, minha mãe ia na praia pra catar caranguejo pra fazer pra comer! Ela ia passear na casa da mãe dela, minha avó morava em São Paulo, ela ia passar, ela ficava 5, 6 meses na casa da mãe dela e gostava e eles ia tudo pra praia, que sempre gostou de praia, a mãe dela, o

pai... Então ela ia junto, chegava lá, pegava o bote, né? E ela ia lá naquelas areia, diz que tinha uma porção, diz que catava de bacia, depois trazia embora pra comer, ela tava gorda de mim, minha mãe contava pra mim e eu nasci com a presa do caranguejo, ela achava bonito, ela achava bonito... Isso aqui é a presa do caranguejo, cê pega um caranguejo procê ver... O dente dele é assim igual meu dedo...

...

- D. Divina, quando a senhora saiu lá de Pederneiras, foi porque que a senhora veio aqui pra Araraquara?

Porque tava ruim, filha. Ruim de serviço... Deu uma época lá... Pro meu velho também, ele procurava serviço lá e tava triste, ele era motorista, tava triste, não arrumava. Aí nós viemos pra cá e achou um empreiteiro que dava serviço pra todos meus filhos, tinha bastante rapaziada, então meu velho achou que compensava nós vir pra cá, aí nós mandou, eu vendi um pouco dos "trem", das muambas que eu tinha lá e aí larguei lá e viemos pra cá de ônibus. Chegamos aqui, o empreiteiro já tava esperando meus filho pra trabalhar, arrumou casa pra nós, aí nós ficamos aí 3, 4 mês na casa, aí nós fomos morar no lixo. Moramos...

- Mas não deu certo lá na empreiteira?

Deu certo lá na empreiteira, mas o homem queria a casa e quem tinha, eu tinha um monte de criança, ninguém queria dar casa pra mim morar, dizia que a criança estragava a casa, cê vê? Aí nós vai procurar casa, vai procurar casa, não achava casa, daí o quê que meu velho fez? Nós viemos morar no lixão. Aí nós viemos pro lixão, porque meus filhos já trabalhava pro empreiteiro e eu vinha pro lixo trabalhar, eu já trabalhava no lixo.

- Mas como a senhora chegou lá, o primeiro dia no lixo?

Quando nós chegou o primeiro dia no lixo, era cheio de gente, não tinha jeito nem de catar, e o lixo ponhava de noite, não era de dia, os caminhão. Só de noite, aí eu e meu velho fizemos um barraquinho, todo mundo tinha barraco no lixo.

“De noite, quando despejava o caminhão de lixo, cê não tinha lugar de fuçar”

- Assim D. Divina, como, alguém falou pra senhora que tinha serviço no lixo?

Nossa! Ih! Eu via tudo aquelas mulher chegava de tarde, aquelas mulher tudo se aprontando, sabe? Uma coando café, “mas porquê? Cês vão trabalhar agora de noite?”, “não, nós vamos pro lixão, o lixo, os caminhão joga tudo de noite e nós ganha dinheiro tudo do lixão”, aí eu falei assim pra elas “mas pode qualquer um entrar lá, filha, pra trabalhar?”, “ah! Lá trabalha quem quer!”, eu falei “é? Onde que é?”, “se a senhora quiser, nós vamos, todo dia de tarde nós tamos lá”, falei “então, posso ir com vocês?”, elas falou “pode!”, aí ia eu, uma menina minha, mais velhinha minha, a Maria minha, nós ia, toda noite, porque eu não trabalhava assim de noite... E era só de noite, aí eu vi um barraquinho, aí eu fiquei lá, meus filhos cortava cana, essa menina minha aqui que fazia, que aprontava os calderão deles, pra eles trabalhar, né, e eu fiquei morando lá no lixão, eu e 2 filho pequeno – com essa menina aí que era a caçula e esse menino Valdinho que é esse daí, que tá aí...

- Isso tá pra quantos anos?

Ih! Quer ver? O Valdinho era pequenininho... Ah, uns 20 anos... Era cheio de gente! Nossa! Chegava de noite, quando despejava o caminhão de lixo, cê não tinha lugar de fuçar, só se vinha um caminhão e depois vinha outro, daí repartia um pouco pra cada caminhão, que jogava...

- Dava umas, mais ou menos quanta gente?

Dava bastante, dava bem umas 50 pessoas em cima do lixo, porque quando chegava 13 caminhão, cada 4 ficava num monte, mas quando chegava um, ah, não dava! Nem precisava ir lá, que não catava nada.

- Tinha gente que catava antes, assim, tinha preferência?

Não, era quem ia logo, ia na frente quando o caminhão chegava.

“Agora, graças a Deus eu comprei uma moradinha”

- E quando a senhora chegou lá, a senhora não estranhou?

Eu não estranhei não, que eu já era acostumada com lixão, porque quando eu vim pra cá, pra Araraquara, eu já tinha trabalhado no lixão dos lençóis Paulistas... Eu já trabalhava no lixão, meus filhos tudo trabalhava no lixão... Depois lá fechou, daí nós

viemos pra cá, daí nós ficamos em Pederneiras um tempão, um tempão em Pederneiras carpindo, fazendo colheita, daí não deu certo, acabou o serviço, daí nós viemos pra cá.

- Lá em Lençóis, foi a primeira vez que a senhora trabalhou com lixo... E daí, a primeira vez que a senhora trabalhou, o que a senhora achou?

Ah! Eu achei bem, porque tinha um Sr. que nós catava e vendia pra ele, ele era muito bom, o Seu Roberto, sabe? E nós trabalhava pra ele, ele pagava nós tudo certinho, ainda trazia uma cesta pra nós, trazia uma cesta de mantimento, trazia de tudo na cesta!

- No lixão...

No lixão, nós ia só pra trabalhar! Ele arrumou uma casa pra nós morar, naquele tempo meu velho tinha um carrinho, um DKV, nós trabalhava, daí chegava de tarde, nós, ó, pra casa, depois no outro dia, ia fazer os monte lá, no outro dia cedo nós ia trabalhar, quando era no outro dia cedo ele já vinha buscar o material. Ele era comprador, de uma firma que pegava, de Bauru [cidades do interior de São Paulo]

- E podia catar lá no lixão, não tinha guarda?

Era à vontade! Tinha! E lá podia catar o que quiser, lá tinha tudo! Material, papelão, plástico, ih! Alumínio, catava de tudo, aquele tempo caía bastante material mesmo, né, naquele tempo dava gosto de trabalhar, daí nós trabalhava, nós catava 2 dia ali, depois de 2 dia ele ia buscar, levava o caminhão cheinho!

- E ganhava bem?

Ganhava! Óh! Ganhava bem! Depois, graças a Deus, comprei uma casinha, lá em Lençóis Paulistas, aí eu vendi, não gostei de lá. Compramos com o dinheiro do lixo, uma casinha. Não gostei lá da cidade, não acostumei, daí voltei ora Pederneiras, minha cidade, eu sou nascida lá, né?

- Lá a senhora gostava, né?

É, de Pederneiras, meus filhos são tudo de lá, voltei pra Pederneiras, daí lá acabou o serviço, não de certo, viemos pra Araraquara, daí vim pra Araraquara e ficamos aqui, eu tô parando aqui, faz 20 anos que eu tô aqui.

- E aqui, sempre lidando com o lixo...

Sempre com lixo! Morava lá no lixão! Agora, graças a Deus eu comprei uma moradinha, porque eu entrei aqui, eu trabalhei aqui dois anos e meio, peguei um pouco do

meu dinheiro, meu velho pegou um pouco que ele tinha, compramos uma casa, comprei uma casa lá, aonde tá meus filho tudo morando comigo...

- Todos?

Quase tudo mora comigo, só tenho um que mora lá nas 4 casas [Casas referidas cedidas pela Prefeitura].

- E é casado, quase tudo?

É quase tudo casado, o que mora lá é casado com a Sandra, a filha da D. Lurdes, então.

- É tudo parente, né, D. Divina?

É tudo parente, nós somos tudo parente, que meus filhos juntou tudo com os dela, né? Somos tudo parente... Nós com a D. Maria também sabe?

“Procê catar, dava calor! Cê tinha que catar com quatro, cinco olhos”

- E a senhora conheceu a D. Lurdes aqui no lixo, né?

Aqui no lixo, nós se conhecemos, que ela morava no lixo também, aí ficamos... Esse menino que passou aqui agora é meu filho, passou pra lá... Vem filho, chega mais aí...

- Esse é o mais velho, né?

Esse é o mais velho. Tenho, uns 20 bisnetso, já! O mais velho tá com 13 anos, a menina tá com 13 anos, logo casa, logo casa...

- Logo casa, né? E os bisnetos da senhora não trabalham com lixo? Os netos trabalham...

Os netos trabalham, mas eles não tá trabalhando não, são tudo pequeno, não tão trabalhando, tem só um que já tá com 15 anos, mas não mora aqui, mora em Pederneiras, tá desempregado, tá desempregado, a bisneta, mais nova ainda... Ela chama Quíria, Valquíria. Ela mora lá, o pai dela mora lá, tá tudo pra lá... Minha família é grande, filha! Minha família, graças a Deus é grande, agora, graças a Deus, vim pra cá, porque eu não sou daqui, vim pra cá e não volto, vim pra cá e acostumei aqui, quando eu vou pra lá eu não acostumo, tem que voltar aqui, nós já sofreu, filha, agora, graças a Deus...

- Então, no tempo da Prefeitura não tinha guarda...

Não, esses guardas era da Construfert, no tempo da Prefeitura não tinha guarda, não, eles pegava, porque no tempo da Prefeitura, tinha já essa usininha [refere-se à atual

Usina], mas jogava lá, jogava lá, incomodava com nada, jogava tudo as coisas que a turma catava aqui, [o lixo da cidade] então a turma catava lá, o que passava, né, da esteira, então a turma aproveitava lá, mas não tinha guarda, depois que aí a Construfert veio toda [usa uma expressão irônica, do tipo “toda cheia de frescura”], aí sim, aí eles começaram, aí pra catar aí dava calor, viu? Procê catar, dava calor! Cê tinha que catar com quatro, cinco olhos, olhando pra ver se não vem os guarda, porque se vinha, eles atirava, eles dava tiro, eles corria atrás...

- Como que era criar, porque a senhora foi morar lá no lixão...

Eu morei sim, filha, morei uns três anos...Criei meus filhos bem dizer, lá no lixão, meus netos também, tinha uma filha que tinha um menino que morava comigo, se perdeu de solteira [engravidou], ela morava comigo, criou o menininho também lá, depois de três anos, aí comprei uma casinha, meu velho trabalhava aqui. Meu velho foi guarda aqui durante 15 anos.

- Como que era, D. Divina, criar os filhos lá, não era perigoso?

Era perigoso! Era! Mas, graças a Deus, nunca aconteceu nada. Tinha saúde, graças a Deus. Trabalhava, comprava, fazia minha compra, graças a Deus, comprava o leite pros meus neto, nunca faltou nada, dava pra ganhar um dinheirinho, dava pra fazer sua comprinha, comprar sua roupinha, dava sim! No tempo da Prefeitura era bom, depois que inventou isso aqui, olha, a Construfert, aí ninguém morou mais lá... No tempo da Prefeitura eles não ligava, ainda mais ganhava, se você visse as coisa, chagava perto da época de Natal era só cesta de comida que ia pra nós lá, todo mundo tinha uma, porque todo mundo que morava lá tinha bastante criança, então eles ajudava, chegava véspera Natal, todo mundo ajudava, sabe, levava cesta, levava roupa, levava tudo, mas depois que entrou a Construfert...

“Tinha uma mina que era um amor, uma água que era um amor”

- D. Divina, tinha quantas barracas lá?

Nossa! Parecia uma colônia. Tinha umas sete, oito barracas! Parecia uma coloninha, era bonito...

- Todo mundo junto...

Todo mundo junto! Tudo pertinho um do outro. D. Lurdes morou lá também. Eu, D. Lurdes, a outra D. Lurdes, que agora já faleceu há muito tempo, essa D. Maria do Seu Severino, a filha da D. Lurdes que já morreu, era a Eva, o filho que já morreu também, morava lá, o outro filho meu, o Galvão, morava lá, aquela outra D. Lurdinha branca que morreu, morava lá, a outra D. Lurdes que hoje em dia eu nem sei aonde ela tá, também morava lá, nós éramos umas sete, oito família mesmo, cada qual tinha sua barraquinha, no começo era mãos eu, D, Lurdes e D. Maria...

- E essas famílias tudo foram casando um com o outro...

É, meus filho tudo casou com os filho da D. Lurdes, ficamos parente, misturou.

- Essa coloninha durou quantos anos?

Ah, durou uns três anos, tudo juntinho lá, uns três anos...

- E vocês não se conheciam antes?

Não, bom, tinha visto, assim, mas conhecimento, não, porque eu vim pra cá, que conheci primeiro foi a D. Lurdes, aí depois nós fomos morar vizinha, aí nós se conhecemos bastante, né, aí ficamos mais conhecida. Nós somos amigas, eu gosto muito da D. Lurdes, tenho ela como se fosse minha irmã, gosto demais da conta dela, pra mim ela é muito boa, uma mulher muito respeitada, uma mulher muito séria, eu gosto da D. Lurdes, não gosto, adoro! Adoro.

- E na coloninha como era, vocês moravam lá, onde que era, era mais retirado, né?

Era mais retirado [bem enfática], onde eles despejavam o lixo era bem separado, assim e nós morava lá pra baixo, lá pra baixo. De noite nós ia lá, porque de noite naquele tempo nós puxava [o lixo] de noite.

- Mas era no terreno do lixo, que vocês moravam...

Era do lixo, pertencia ao lixão, só que nós já fazia o barraco mais pra baixo, pra não ficar em cima do lixo, então o caminhão chegava, ajeitava [formava os montes e, por vezes, aterrava] e nós ia lá catar, às vez com enxada, tinha que levar....

- E onde que tinha água, essas coisas...

Nós pegava aqui embaixo! Nossa, tinha uma mina que era um amor, pra baixo, era uma água que era um amor, tinha a mina era pra lavar roupa também! Nós pegava roupa, ponhava tudo num saco ponhava no carrinho e ia lavar, punha uma toalha na cabeça, chegava lá lavava roupa, já levava as cuiá pra lavar, já lavava lá, já trazia a aguinha, a

roupinha limpinha, era gostoso, era gostoso, eu gostava daquele tempo, chegava de noite nós trabalhava, cada qual catava seu monte, cada qual dividia o que era seu, era gostoso! É, o tempo da Prefeitura era bom, que não incomodava com ninguém...

- E se davam bem ou saía muita briga?

Não, graças a Deus, ninguém brigava, não tinha uma briga!

- D. Maria falou que tinha até festa lá!

E tinha mesmo! Ih! Tinha, um homem que chamava Adão, filho da D. Lurdes, cê conhece? Ele tinha um barzinho, ele vendia assim, pão, carne, lanche, era bom de comprar, só pinga que ele não vendia... Ele vendia as coisinhas, todo mundo comprava, só não vendia pinga, esses negócio, agora guaraná, essas coisas tudo ele vendia, e nós ia muito bem ia pra bailinho, dançar, é, tudo um divertimento, né, normal, nós trabalhava, de sábado nós divertia, era gostoso!

- Era difícil de sair de lá, né, pra ir pra cidade...

Não, só pra fazer comprinha, quando ia comprar um móvel, que nós comprava móvel, sabia? Comprei um jogo de copa com o dinheiro do lixo, comprei bicicleta pra todos meus filhos com dinheiro do lixo: o menino meu era pequeno, a menina minha era pequena, comprei uma bicicleta pra cada um, ó, esse menino que eu quero que você tire uma foto minha com ele, ele era pequeno...

- Quantos anos ele tá?

Agora ele tá com 24 pra 25 anos...

- Ele tinha quantos anos?

Quantos anos? Ele tinha seis, sete anos...

- Nossa, faz 20 anos que a senhora tá contando isso...

É, faz uns 20 anos... Acabou porque entrou a Construfert, aí tinha que ficar correndo de guarda...

- Mas a Construfert, quando, entrou faz uns 10 anos...

Faz mais, filha, faz muito mais que a Construfert entrou, contando que ela ficou mais de 5 anos aqui [na usina], porque eles renovaram o contrato, venceu os 5 anos, depois renovaram o contrato pra mais 5 anos, 10 anos! Aí depois ainda ficou bastante aqui pra depois, ia renovar mais, mas foi embora...

- E se a Construfert não tivesse... Vocês tavam ainda morando lá, será?

Nós tava! Vou lá dar sopa pra aquele meu filho, aí cê vem qualquer outra hora, eu conto mais um pedacinho...

- Tá bom obrigada, viu D. Divina!

- Tá bom, filha, fica com Deus...

1.3 D. Maria

A união

Deus me livre! Ficar sozinha fazendo o quê? Unido é que se ajuda! O marido trabalha um pouco, os filho mais um pouco, tem a companhia, a gente se diverte... Agora, pobre e sozinha, Deus que ajude!

Maio, 2004:

Gritei o nome de D. Maria no portão baixinho de ferro marrom, o chão de terra batida. Da janela, o marido fez sinal - tem visita! D. Maria veio toda alegre, estava me esperando. Fui entrando pela sala, a TV ligada, o marido e um filho sentados no sofá - este, muito calado, de cerca de 40 anos, fez um aceno com a cabeça quando entrei; o marido de D. Maria, uma simpatia, me cumprimentou. No quarto ao lado, que dá para a sala, um neto de 16 anos se apronta e passa pela sala se despedindo: *Bênça vó, bênça vô, já tô indo*. D. Maria e o Marido fazem recomendações: *Toma cuidado lá! O avô: lá eles têm que te respeitar, tem que mostrar respeito, viu? Toma cuidado, juízo e vai com Deus*". D. Maria depois que ele sai, me diz: *Ele tá indo trabalhar lá no lixão, vai passar a noite lá...* Logo depois ela me oferece água e pergunta se eu acertei o caminho. Respondo que me perdi um pouco, e ofereço um doce de goiaba que havia feito pra levar. Ela agradece e mostra um pão que pôs pra crescer: *"depois de assado te dou um pedaço pra levar..."* A conversa se inicia antes de eu perguntar qualquer coisa:

"Tenho saudade desse tempo, o povo era tudo unido, tudo unido!"

Então, filha, já faz mais de 20 anos já que eu trabalho lá em cima [lixão], tô lá desde o começo, de quando começou o lixão, então, e quando começou o lixão, quando começou lá eu morava no Jardim América, que eu morava de aluguel, né, depois eu mudei

pro Jardim Pinheiro, mudei pro Santa Clara [bairros de Araraquara], mas continuei trabalhando lá, só que eu não ficava direto lá, entendeu? Eu ia apanhar laranja, eu trabalhava na laranja, na apanha de laranja na safra e quando acabava o período da laranja aí eu ficava desempregada, aí eu ia lá, eu não trabalhei direto lá.

- A senhora também nasceu em fazenda?

Nasci em Ibaté, numa fazenda de café, de lá eu mudei pra muita fazenda, trabalhei na roça de menina, aí quando eu fiz 19 anos que eu mudei pra Araraquara, aí não mudei mais daqui, aí meu pai trabalhava aqui na usina também, aí depois que eu fiquei mais de idade, com uns 30 anos, eu comecei trabalhar no lixo e nunca mais parei. Eu mais meu velho, meus filhos tudo criado ali e agora esse meu neto que foi pra lá trabalhar, esse que você viu saindo...

- Ainda pode entrar lá, D. Maria?

Poder, não pode, nós sempre lutamos lá pra ficar, mas na época da Prefeitura era sossegado, até que nós moramos lá... Nós moramos, nessa época ninguém aparecia pra tirar nós. Tenho saudade desse tempo, o povo era tudo unido, tudo unido! Agora esse meu neto trabalha de noite, que é mais garantido, de manhãzinha ele já tá de volta... Ninguém não mora mais lá, só sobrou mesmo o barraquinho do Gervásio⁵⁹, cê sabe, né filha, aquele que fica perto da entrada da usininha [refere-se à Usina], então...

- E lá na usina?

É que lá tem gente que não tem muito esforço e isso é problema, é problema! Nós lá na separação⁶⁰ é tanto trabalho, tanto material! Tem que tirar as tampinhas, e tem gente que não tá nem aí, eu falo, "ai, meu Deus do Céu!", esse povo é mole mesmo! E é mais o povo jovem, que os velhos que nem eu é os que mais trabalha, sabia?

- É eu vejo! Ali em cima fica quem? A D. Rosalina, a D. Lurdes, a senhora....

⁵⁹ Do despejo, foi o único barraco que sobrou: Gervásio (60 anos) resistiu dizendo e repetindo nestes anos todos que 'dali só saía morto'. Virou emblema de resistência. Continuou sua vida na catação a alternar épocas de trabalho e reclusão: "Ih! Tem vez que o Gervásio se enfia lá no barraquinho, bêbado, e dorme três dias seguidos! Depois ele aparece aqui, cata material, arruma confusão..." (Lena, caderno de campo, outubro, 2002) Em março de 2004, seu barraco foi retirado, numa troca por um local para morar que é uma das guaritas da Usina: "Mas tem dia que ele se arrepende, bebe e volta tudo, esquece que aceitou a guarita..." (Lena, caderno de campo, novembro, 2004) O fato é que não se conforma com as mudanças e, em tom de lamento, me diz: "Mudou muito aqui do tempo do lixão, mudou muito!" (Caderno de campo, outubro, 2004)

⁶⁰ D. Maria trabalha com D. Lurdes e D. Divina na separação e preparação das garrafas: a tarefa consiste em tirar as tampas, selecionar os itens por cor e lavá-los para depois serem prensados e enfardados.

Fica o seu Antônio também com os fios, né? [Seu Antônio trabalha com as miudezas: desmonta aparelhos elétricos como chuveiros, rádios e retira fios, placas de cobre, etc. e D. Rosalina mexe mais com plásticos e papelão)

- Ele é mais velho, né?

77 anos!

- Aí tem mais, cansa mais, né?

É! Lá tem que tirar rápido as tampinhas, passar dum lado as PET, do outro as verdes, que é por cor, é por tipo, não é assim de qualquer jeito. Eu tava com desgaste nesse braço, aqui na perna agora eu acho que tá até no pé, com a dor que tá! É velha essa dor já! Tem tempo!

- E a senhora cuida?

Sabe que teve uma vez que eu fiz de tudo, não teve jeito, mas aí veio uma mulher fazer uma reza, passou... Depois volta, tá na hora de eu ir parando já também, né, que já vai uma vida...

“No lixão, todo mundo ficava amigo”

- Também já faz tempo que a senhora trabalha, né?

Sabe, quando começou lá a gente, eles não deixavam.

- Prefeitura? Mas isso há 20 anos atrás?

Ô, eles não deixavam não, foi um terereco pra deixar, mas cê vê que o povo é duro, né, aí o povo abriu lá e eles liberou, liberou, aí até que fizeram uma colônia lá, era até divertido lá, a irmã da D. Lurdes, a D. Guiomar de sábado fazia até baile lá!

- Ela morou lá?

Morou, as irmãs delas, todo mundo... Era animado o povo deles...

- Os meninos são tudo nascidos lá, então...

É, tem até uma conhecida minha que a filha dela nasceu lá, a filha da sobrinha da D. Lurdes nasceu lá, isso que eu falo, o povo fala “não, lá é perigoso”, perigoso o quê? Tanto menino nasceu lá, no meio daquele lixo a vida toda, até hoje! Tem perigo não! Acostuma ali, depois que acostuma, é um lugar que nem outro, que nós não morava em cima do lixo, que tem gente que pensa, né, filha, que nós morava lá no meio da sujeira...

Não era, era assim afastado, do lado, mas mais pra baixo que tinha os barraquinho, ali onde tá o do Gervásio... Lá tem um rio, você já foi lá? Tem uma bica de água que nós pegava, tinha até água! Nós lavava roupa, fazia comida, banhava, tudo com água de lá, que servia pra beber também. Era boa aquela vilinha...

- É que a gente olha assim, acha que é perigoso, ali no meio do canavial, que tinha briga...

Briga saía mesmo! Mas do povo da vila, de começo era sossegado, os filhos pequeno, só que tinha gente ali que ia, ficava um pouco, não era de nós. Era assim esses meninos que gosta de fumar, beber, ia lá fazer confusão... Mas nós era uma família, não brigava sério, de puxar faca, ninguém não puxou ali!

- É que fica ali, não é como uma rua assim, fica aberto, pode ter roubo, essas coisas...

É, lá tem hora que dá um pouco de medo mesmo, antigamente quando morava gente lá, menina, saía cada briga! Então, o Gervásio mesmo, quase mataram ele lá! Ele não morreu por Deus! Lá tinha muita droga... Esse mesmo meu neto que saiu, ele é muito trabalhadorzinho e ele foi, essa semana mesmo ele foi e vai trabalhar lá de noite, eu fico com medo, ele fala "vó, não tem problema, eu conheço bastante gente lá".

- Ele foi lá com a senhora?

Não, ele foi quando morava com a outra vó, com a mãe dele que mora lá perto da D. Lurdes, a vizinha do lado de cá da D. Lurdes é a mãe dele, ele é neto da D. Lurdes também...

- Vocês se conhecem faz muito tempo, né?

Nossa! Muitos anos, muito, muito mesmo! Eu conheci a D. Lurdes e nem sonhava de ter esse neto que agora tá com 19 anos.

- E conheceu tudo aqui no bairro?

No bairro, lá no lixão, chegava no lixão, todo mundo ficava amigo, todo mundo ficava amigo: um pegava as sacarias pra amarrar os fardos, falava "ô, você pegou a sacaria?" "Eu peguei! Eu tenho bastante aqui!" "Então cê arruma uma pra mim?" "Arrumo! Pode pegar, eu te dou" "Arruma uns sacos pra mim?" "Amanhã a hora que vier eu pego mais!", e o pessoal emprestava mesmo, era bom, era uma família, agora, tinha gente de fora que invocava, que bebia pra brigar, que fumava droga pra brigar... Então era por causa de 5, 10 real já brigava, aí fazia as barraquinha lá pra dormir e

ficava ali, dias... Depois ia embora e ficava nós, de sempre... Foi assim anos, minha filha, anos!

“Eu nunca fiquei doente lá no lixo!”

- D. Divina falou que tinha baile...

Tinha baile... Mas eu, quando dava 4 horas, 4h30, o horário que eu achava melhor, eu ia embora, aí no dia seguinte umas 8hs eu chegava, aí embalava os montes, catava mais, embalava mais, eu ia três dias por semana, aí quando tinha mais, conforme o material eu ia na quarta e na sexta-feira. Que eu morei lá, mas depois saí e ia trabalhar, lá no tempo da Construfert, sabe?

- A senhora não tinha receio de mexer no lixo?

Eu acho isso engraçado... Engraçado, é... Vou te contar: quando eu trabalhei lá, eu furei minha mão lá, mas não ficou tão ruim que nem agora que eu furei lá na usina! Isso que eu acho engraçado, no que eu furei na usina tá até hoje e lá em cima eu furei e não aconteceu nada! Furei bastante já lá e não aconteceu nada não... Você entende disso, você que é professora?

- Não sei dizer, pode ser material que era diferente, furou o dedo com uma coisa mais contaminada...

Pode ser, mas é engraçado... Eu nunca fiquei doente lá no lixo! Acontece que tem gente que abusa e come de tudo o que acha, tem que ver direito, que vai muita coisa fechadinha ainda pra lá, bolacha, às vez até carne congelada! Mas o povo pega coisa que já tá podre e não que ter dor de barriga, de cabeça? Mas falaram tanto que lá é assim, que não pode ficar, pra mim era bom trabalhar lá no lixo, que ergui essa casinha aqui, é simples, né filha, mas tem tudo, já tem o banheiro dentro, no ano passado a gente já fez o chão, passou esse cimento aí, as parede tá com reboque... Que foi... Que eu tava falando, do dinheiro que nós juntou de morar lá no lixo! Então era bom!

- E fora no lixo, a senhora trabalhou... Foi na roça?

Na roça, de menina, depois em casa de família, de empregada, fazia faxina, meu velho já catava lixo com carrinho, trabalhava na cana, na laranja, ele mais que eu, ele era mais. Muito tempo que ele passou na vida apanhando laranja... Depois o serviço na roça acabou, nas casa de família era ruim, tinha vez que era bom, mas eu não gostava não,

sempre gostei de ter meus bicos, vender entulho, juntar latinha, comecei... Trabalhei na roça também, mas era só na época que chamava, o resto do ano era no lixo, que o dinheiro pra sustentar os filho era de lá. Depois meus filhos cresceu, foi trabalhar lá e eu já ajuntei e fiz essa casa aqui nesse terreninho. Esse terreno aqui era só mato, nunca tinha ninguém aqui, limpamos tudo e já tem pra uns dez anos!

“Não pode deixar a mãe, viu?”

- Lá com as casinhas que nem a D. Lurdes, a senhora não ficou?

Lá tem filho meu que mora lá. Mora lá do lado da D. Lurdes um que casou com a filha dela...

- E quantos filhos a senhora teve?

Eu tive 14 barriga, criei 10. Perdi muito menino, perdi...

...

- Acontecia, né, D. Maria?

Acontecia, perdi antes de nascer dois meninos e depois de grande já, perdi mais. É duro isso pra mãe, é duro... Mas graças a Deus, tem esses que tão bom... Tem o que tá preso... Que inventou de assaltar uma casa, juntou com os amigo, não sei o que deu nele, não sei... Daí foi parar lá preso! A mãe que sofre, viu? Que a família, a mãe quer perto, zelando todo mundo. Não tem o que é mais importante, que ter sua familinha...

...

- Mas os outros moram perto da senhora, né? É bom...

É, é bom, mora tudo aqui no Parque São Paulo, tem só duas filha que mora lá pra Boa Esperança... Mas já tão casada, com filho...

- Tem muitos netos?

Tem! Esse que você viu é o mais velho, depois tem uma penca! E nós vai criando todo mundo! Agora é lá na Acácia, né? Mas logo eu aposento também a D. Lurdes vai aposentar também, ela que comprar um cavalo e uma carroça melhor...

- Pra trabalhar?

É que nós não sabe ficar parada! Fazer o que o dia todo, já é costume descer essa ruinha todo dia, nós sai é de madrugada pra catar, tá tudo escuro ainda! Lá na usina é 7h

que nós entra... Aí já acostumou com o serviço, né filha? E professora deve ganhar bastante, né?

Eu: Depende muito de onde a gente trabalha, ganha mais ou ganha menos...

D. Maria: Não ganha tudo igual?

Não, depende se dá aula pra criança ou pra adulto, se trabalha pro Estado, pra Prefeitura...

M: Você diz no Grupo, né?

- É! Ou se trabalha particular, em colégio...

M: De rico, né minha filha?

- É, daí tem as faculdades também...

M: Que é onde forma professora, né? Cê estudou muito, minha filha! É bom ser professora, né?

- Eu gosto...

M: E sua mãe?

- Ela é professora também.

M: Vê, né, igual a mãe e você tem irmão? E seu pai?

- Tenho um irmão mais novo, meu pai já faleceu faz dez anos...

M: É triste... Quantos anos seu irmão tem, ele é solteiro?

- Ele tem 27 anos e é solteiro, mora com a minha mãe em São Paulo.

M: Só um né? Ele faz companhia pra sua mãe, né, é bom... E você quis ir embora... Não ficou lá com eles... Veio casada?

- Não, eu vim sozinha, pra cá estudar...

M: Mas sozinha? Mas você sempre vai ver sua mãe, né? Não pode deixar a mãe, viu?

- Eu não deixo não, D. Maria, sempre vou visitar, ela vem aqui na minha casa...

M: É que você tem sua vida, né? Mas também ficar muito sozinha não é bom, é bom ter assim uma familinha, com filho... Cê não quer?

- Quero sim, mas tem que achar uma boa companhia!

M: Isso é! Eu dei sorte, viu, que aqui eu e meu velho, nós se entende, graças a Deus, a gente caminha junto...

[Vamos à cozinha e D. Maria conta um caso, enquanto põe o pão para assar e faz um café]:

Meu marido é muito religioso, crê muito em Deus! Eu tenho um filho que é duro, tá preso agora... Um dia ele arrumou confusão aqui no bairro e vieram gritando aqui em casa "D. Maria, o Zé tá lá, arrumou confusão e tá saindo tiro!" Meu marido saiu correndo e chegou lá, quando chegou, assim, de palmo perto do Zé, levou um tiro. A bala entrou e saiu, todo mundo viu e teve gente que até desmaiou, mas só deu foi um arranhão! Você acredita que a fé dele, a bala não matou?

- Mas ele tem religião, assim, alguma igreja?

[Fala bem baixo] *Tem, mas ele não gosta muito que fala não, viu filha?*

...

A criança, quando você tiver filho, vai ver que os pequenos gosta de chegar em casa e ter um bolo, se tem dinheiro, é bom pra agradar a criança, viu? Depois tem os neto, que é bom também!

- A senhora não ficava sozinha, né, D. Maria?

Deus me livre! Ficar sozinha fazendo o quê? Unido é que se ajuda! O marido trabalha um pouco, os filho mais um pouco, tem a companhia, a gente se diverte... Agora, pobre e sozinha, Deus que ajude! Tenho muita pena de gente que não tem filho pra olhar por ele! Por isso que eu te aconselho pra ter filho, viu? Olha, minha filha, tá ficando tarde procê sair aí pela rua... Toma esse café e já vai andando, viu?

- É e eu ainda vou lá na D. Lurdes visitar... Obrigada dos conselhos, D. Maria!

Vai, né, então vai indo, viu? Fica com Deus! Lá o ponto de ônibus é perto, não tem perigo, né? [D. Maria e o marido me acompanham até a calçada, acenam e cuidam até que eu desapareça, aos poucos, rua abaixo.]

•

2.4 Considerações

As trajetórias descritas acima se desenham na contramão das percepções produzidas de maneira generalizante e nos respondem, ao apresentarem mulheres cujas vidas estiveram orientadas ao sustento da família, pautadas pelo trabalho desde sempre (o trabalho desde criança na roça e na casa, na cana, na laranja, nas casas de família, no lixão), quem são aquelas pessoas à catação de material em meio às montanhas de lixo produtoras de ares irrespiráveis e disputas pela sobrevivência impossíveis de crer. Crê somente quem vê. Mas com olhar detido, paciente, disposto a compreender os motivos e intenções - as brechas onde está o movimento da vida - o mais delicado sob a superfície da rudeza de uma condição social inscrita na exclusão: o amor e a dedicação de D. Divina aos filhos e, na ternura, a valorização da vida de água nascendo - *“Era uma água que era um amor”*; a garra de D. Lurdes no vaivém do destino ao se fincar no chão, firme - bem negra, a coluna sempre ereta, a cabeça para cima, mãos enormes, assim sua figura - esteio da família descendo anos a mesma rua; a vivacidade de D. Maria a fazer pão, amaciando o coração fazendo, numa comunhão, brilhar o valor das mães - *Não pode deixar a mãe, viu?* Aconselhando o caminho da união, que para ela é o da felicidade.

Nesse universo não cabem abutres, é o espaço do humano, de mulheres com saudades de um tempo em que eram jovens, os filhos pequenos, época das responsabilidades e objetivos: prover sustento da família, ser mãe, avó, construir a casa e, na metáfora da vida, colocar o chão, os vidros, o telhado, o tijolo no lugar do plástico, a porta no lugar das caixas de papelão, para o vento não levar. No limite do possível ‘os filhos estão todos criados’, de criação diferente - na franja da franja da cidade, o lixão, e não na roça, na disciplina fatal da enxada: nos canaviais da região de Ribeirão Preto, operários que podam cana trabalham com câimbras e morrem de exaustão, a produção padrão de 10 toneladas/mês exige 9.700 golpes de podão. Talvez por isso o lixão seja avessamente associado à ‘liberdade’ por estas mulheres - que acalentam os bons momentos na memória num mecanismo de se defender do absurdo das explorações e do teor do trabalho no lixão que perversamente justifica outra forma de exploração nutrida da mesma raiz a gerar os tristes e revoltantes limites da falta de perspectiva, do não acesso a alternativas porque o trabalho sempre foi, para estas pessoas, a via para o imediato da vida:

comer e 'comprar, com o dinheiro que sobra, uma coisinha' e, quem sabe, 'até um móvel' para a cozinha da casa de tijolos que está lentamente sendo erguida.

Para seus filhos e netos, a experiência de crescer no lixão a apreender os ritmos da realidade restrita a esse imediato que impede a expansão das vivências, dos projetos, das capacidades e talentos, lançando-os fora do sistema educacional formal - ao qual, hoje adultos e adolescentes, já não se adaptam - marcou muito fortemente seus destinos. 'Parece que é cultura', assim como comer lixo é 'cultural', mas cultura é tudo: o acesso às possibilidades, por direito:

Os meninos daqui que cresceram aqui, não é a mesma cabeça dos meninos da cidade. Você vê, eles vestem igual, eles calçam igual, você não vê diferença, então o mais importante pra eles é ter a roupa da hora, o tênis da moda - o tênis é o sonho, entendeu? - e aí eles acham que se eles vão pra cidade bem vestidos e podem pagar uma cerveja num bar, sentar lá, eles são igual aos outros. Aí fica faltando os estudos, eles não querem, parece que é cultura: "eu tô bem assim, já tô aqui mesmo, por aqui vou ficando..." Vêm os filhos muito cedo e sem estrutura nenhuma, se tem um quartinho pra morar, uma porta de plástico tá bom já, arrumou um companheiro que conheceu na noite: "ah, vou juntar com fulano", é assim. É tudo 'natural'... Não importa onde vai viver, o que vai ser o futuro... Vai vivendo e onde come um, come dois... (Lena, com gravador, setembro de 2004)

Os adultos continuaram na catação e neste universo assim constituído como seu espaço, seu lugar de identificação e reconhecimento, também criam seus filhos que atravessam infância e adolescência ao som do movimento *Hip-Hop* em sua versão mais pesada na qual a vida é bandida. Institui-se a partir daí uma identificação com a periferia em seus significados marginais - o 'lado b' do bairro segundo Felipe, 19 anos, filho de Lena, tio de Aline, 5 anos, que um dia quando me viu disse *oi tia, eu sou da 'pelifelia'*. Esse avesso da periferia onde está situado geográfica e simbolicamente, o bairro *Parque Residencial São Paulo*, próximo ao lixão e circundado pelo mesmo canal que lhes garante a clandestinidade, referido nas páginas anteriores, é repleto de pequenas ruas de terrenos vazios onde se formam 'ranchos' - casas muito pobres de chão de terra batida

erguidas nos espaços ‘sem dono’ formando pequenas favelas (pois se estendem pelos quintais outros arranjos familiares como no caso de D. Lurdes) ou isoladas, como a de D. Maria e D. Divina - ruas que vão dar em becos e nos bares das esquinas onde sempre ficam ‘os meninos’, segundo D. Lurdes em referência aos netos.

Então a questão do lixão atravessa as gerações e se amplia ao percorrermos esse fio que nos leva cada vez mais para as raízes que bem sustentam e alimentam, firmes, a pobreza. Indo ao fundo, estendemos o olhar à compreensão, apreendemos o que seriam demandas reais que, ao longo dos anos não são supridas emergindo, portanto, em outras pontas: trabalhando (são meninos de 12 a 18 anos) clandestinamente no lixão e, mais recentemente no local de entorno do entulho, em frente à Acácia, chegaram no final de 2004 através dos fiscais do trabalho, como a denúncia do trabalho infantil e precário e como cobrança, à Prefeitura. A partir daí constituiu-se através do *Conselho Tutelar* e do *Fundo Social* do Município⁶¹ um projeto com os 8 meninos que o chamaram ‘*reciclando vidas*’: em meio às conquistas (os meninos têm atividades todos os dias, como aula de cavaquinho e recebem, por mês, 150 reais assumindo compromissos), as dificuldades relacionadas aos comportamentos constituídos nas tramas de sua própria condição - segundo Andréa, “*muitos têm uma couraça*”, são difíceis de alcançar para trabalhar, “*por conta da vida que levam e da violência em casa*” - , revelam a amplitude de uma realidade e anunciam a pergunta *como criar outros lugares sociais?*

Políticas focalizadas, como a criação da própria Acácia, iluminam saídas, mas não mudam, apenas impedem uma das inúmeras pontas do ciclo porque dependem de uma constância pautada pela intenção de transformar de fato não somente no nível local.

Destas trajetórias retiramos, então, a matéria para a compreensão de percursos que denominamos assim *positivos* em detrimento das desclassificações construídas a partir da banalização do ato de jogar para fora (para um *lugar* designado ‘exclusão social’) - do campo de visão, dos sentidos, das reflexões - todo tipo de desigualdade, miséria e injustiça:

⁶¹ Reflexões realizadas após uma conversa com Andréa Túbero, presidente do Fundo Social, que acompanha o projeto.

Jogamos com o termo de excluído esvaziando-o, no entanto, de todo o conteúdo, porque a morfologia social parece dissolvida, enquanto se refugia na clandestinidade (...). Acolhemos com grandiloquência as palavras vulgarizadas pelos *média*, mas tornamo-nos menos acolhedores no que respeita às pessoas. (...) A razão, que é espírito e sentimento, chegará talvez, é preciso esperá-lo, a comprimir os prejuízos da racionalização e do sentimentalismo que vão geralmente a par. (Freund, p. 14, 1993)



Capítulo três

Capítulo três

Percurso da Pesquisa: um segundo momento

(...) é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História.

José de Souza Martins

1. A Associação Acácia: uma breve descrição

A Associação Acácia de Trabalhadores (as) com Materiais Reaproveitáveis opera em um espaço contíguo ao aterro sanitário, localizado numa vicinal entre a estrada que liga os municípios de Araraquara e Américo Brasiliense e um extenso canavial, na altura do Parque Pinheirinho e, numa outra ponta, próximo ao bairro Parque Residencial São Paulo⁶². Este espaço compreende um prédio - localizado externamente à entrada da Usina, na qual está a guarita de controle de passagem e pesagem dos caminhões de lixo - destinado ao tratamento de defensivos agrícolas do qual, pouco adiante, está o local de depósito dos entulhos despejados pelas caçambas e decorrentes da construção civil. Dentro do local 'da Usina' há outro prédio com cerca de cinco salas que sediam atualmente as administrações do Daae, atual órgão gestor do aterro e da Associação.

A estrutura de Usina para seleção e preparação de material reciclável, localizada ao lado deste prédio, consiste em uma *mesa* - a esteira de triagem - com capacidade atual para 18 postos de trabalho - sobre a qual são despejados, de um patamar superior através de uma espécie de trator, as usuais sacolas de plástico de supermercado de lixo bruto a serem rasgadas com um facão numa ponta por dois trabalhadores e vasculhadas manual e rapidamente pelos (as) seguintes, que delas retiram o reaproveitável subdividido em quatro grandes grupos (papel, plástico, vidro e metais)⁶³. A cada grupo de trabalhadores (as) cabe a seleção de um tipo de material lançado à suas respectivas baias no patamar inferior onde, por sua vez, outras pessoas trabalham realizando uma segunda seleção, destinando o

⁶² Fotografias 1, 2 e 15; todas estão ao final do item 1.1, à p. 110.

⁶³ Fotografias 3, 4 e 5.

resultado à sua preparação que consiste na separação mais detalhada e técnica (tipos de papel, de garrafas, de vidro separados por cor, densidade, etc.), limpeza, prensagem e enfardamento⁶⁴. Há três prensas elétricas atualmente em funcionamento, para agregar os papéis, metais e plásticos que são vendidos quinzenalmente para compradores fixos da cidade e de municípios próximos, vidros e outros itens ficam armazenados por sua saída não ser constante; o material restante retorna à categoria de rejeito ao aterramento no espaço destinado ao despejo dos demais caminhões de coleta, localizado num nível superior a cerca de 100 metros de distância da Usina:

O caminhão da noite é o que faz o centro, então são oito caminhões que fazem aproximadamente e o que a gente pede pra Acácia são oito caminhões por dia com cerca de 10 toneladas cada um [são 13 caminhões de coleta no geral]. Esses oito fazem a coleta do material central da cidade que é mais rico, vem mais PET, vem mais alumínio, daí o pessoal da balança lá na frente é que faz essa seleção pra gente. O caminhão chega à noite e deixa o material ali em cima perto da esteira, pra depois a motocana [trator] empurrar pra boca da mesa [para o início da esteira]. (Anderson, então secretário da Acácia responsável pelas planilhas e contatos de venda, novembro, 2004)

A organização e divisão do trabalho ocorrem com certa flexibilidade, mas aqui é importante, para futuras considerações, demarcar o fator geracional (há três gerações no mesmo espaço): a primeira geração, composta por uma maioria feminina, não costuma trabalhar na esteira - exercem atividades mais técnicas e minuciosas, não menos exaustivas, como o tratamento das PET. No entanto, D. Lurdes (aposentada no início de 2005), D. Maria e D. Divina fazem questão de ali estar algumas vezes ao longo da semana: a esteira, apesar de constituir atividade pesada, precária e inadmissível nesse processo todo, oferece às pessoas que ali operam o atrativo, nesse movimento contraditório, do contato com todo o tipo de lixo, o que significa a possibilidade de encontrar algo útil e reaproveitável para uso pessoal ou para a venda, numa recorrência à idéia do *não deixar passar nada*.

⁶⁴ Fotografias 5, 6 e 7; a imagem 9 está contextualizada no item seguinte.